



Liliana Cristina Dias da Silva

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA
TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DOS BORDADOS DE VIANA DO CASTELO

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1ºciclo do Ensino Básico
Conhecimento do Mundo

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor Gonçalo Maia Marques

maio de 2012

À minha Família.

AGRADECIMENTOS

A execução deste trabalho e investigação, para além de representar longas horas de trabalho e dedicação, tem ainda um significado mais relevante, o de conquista de um sonho e etapa que me comprometi a alcançar. Logicamente que sozinha nunca chegaria a atingir a meta, então foi preciso ajuda, apoio e participação de muitas pessoas.

Assim, reservo este momento para agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me deram a mão nos mais diversos momentos desta caminhada.

Em primeiro lugar, a todas as crianças com as quais tive contacto na Prática de Ensino Supervisionada II, sem as quais não seria possível realizar este trabalho de investigação. Obrigada pela vossa ajuda meninos e por me deixarem “crescer” mais um pouco.

Em segundo lugar, a uma pessoa de grande profissionalismo, que com a sua calma, serenidade e tranquilidade sempre me apoiou, dando palavras de conforto e plena confiança. Sem ele este trabalho não seria tão bem orientado. Obrigada ao meu Orientador, Gonçalo Maia Marques.

Em terceiro lugar, jamais me poderia esquecer da Professora que ficará guardada para sempre na minha memória e consideração. Aquela, que até com reuniões marcadas, conseguia sempre um momento para nos ouvir e confortar com as suas palavras doces e amigas. Ela que ao longe conseguia ver os nossos sentimentos e nos dizia: “o mal e o bem à face vem”. Obrigada à grande Professora Lina Fonseca. E obrigada a todos os Professores que contribuíram para a minha formação pessoal e académica.

Em quarto lugar, a uma pessoa que sem dúvida passou de conhecida a uma grande amiga. O meu par pedagógico, com a qual passei momentos bons e menos bons, uns por motivos pessoais, outros académicos. Enfim, companheira, amiga, ouvinte, paciente e muito mais. Obrigada Fernanda Fernandes, por tudo o que passamos juntas, ao longo desta formação.

Em quinto lugar, aqueles que sempre me apoiaram, dando palavras de conforto e confiança. Aqueles que sempre acreditaram em mim desde o início e a quem devo

tudo o que sou. Obrigada Pais por tudo o que fizeram por mim. Obrigada à minha irmã e ao Leonel, por disponibilizarem tanta paciência, ajuda e acima de tudo carinho.

Em sexto lugar, a uma pessoa muito querida, com a qual cresci junta e nunca esquecerei. Obrigada Prima, amiga e “quase irmã” Susana Marília Dias da Silva, pelas tuas palavras de confiança e conforto.

Em sétimo lugar, a todos aqueles que me apoiaram sempre que necessário, mostrando-se sempre disponíveis. Obrigada, amigas e colegas de vida académica, com as quais passei os mais diversos momentos desta longa caminhada. Obrigada ao João e ao Ricardo pela ajuda disponibilizada em alguns pontos deste trabalho.

De um modo geral, Obrigada a todos quantos me apoiaram e acreditaram em mim.

RESUMO

O objetivo deste estudo consiste, maioritariamente em investigar se de facto existe transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo. Perceber assim, se as gerações mais novas sentem interesse pela arte de bordar, uma vez que é uma das tradições do seu meio envolvente. Por outro lado, também se pretende investigar se as gerações mais antigas sentem interesse e gosto em transmitir os conhecimentos/ensinamentos, para as gerações que serão o futuro.

Como é do conhecimento de todos nós, as crianças “aprendem ao ver e ao fazer”, por isso é importante que para além de vivenciarem, experimentem. Daqui parte a ideia das atividades de investigação, nas quais se pretende que as crianças lidem diretamente com o bordado e isto só acontece se pusermos as crianças a bordar.

A metodologia utilizada passa pela investigação ação, apoiada na observação das crianças, bem como na implementação de atividades relacionadas com o tema de estudo. Estas atividades foram muito importantes, pois foram muito úteis na recolha de dados, que permitiram retirar conclusões sobre todo o trabalho desenvolvido.

O estudo foi realizado num jardim de infância pertencente ao concelho de Viana do Castelo.

Como amostra, foi selecionado um grupo heterogéneo, composto por catorze crianças, (sete do sexo feminino e sete do sexo masculino), com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos.

PALAVRAS-CHAVE

Jardim de infância; Bordados; Tradição; Transmissão intergeracional;

ABSTRACT

The aim of this study consists mainly in investigating whether in fact there is intergenerational transmission of Viana do Castelo embroidery. Understand, if the younger generations feel interest in the embroidery art, since it is one of the traditions of their surroundings. On the other hand, it is also intended to investigate whether older generations feel interest and pleasure in transmitting knowledge / teachings for the generations who are the future.

As is well known to us all, children "learn seeing and doing," so it is important that in addition to watch and learn, they experience. From here the idea of research activities, in which we want the children to deal directly with embroidery and this only happens if we put the kids to embroider.

The methodology involves the action research, based on observation of children, as well as the implementation of activities related to the study subject. These activities were very important because they were very helpful in collecting data that allowed us to withdraw conclusions about all the developed work.

The study was accomplished in a kindergarten of the Viana do Castelo municipality.

As a sample, it was selected a heterogeneous group, composed by fourteen children, (seven females and seven males), aged between four and five years old.

KEYWORDS

Kindergarten; Embroidery; Tradition, Intergenerational transmission;

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE FIGURAS	xiii
LISTA DE TABELAS	xv
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xvii
LISTA DE ANEXOS	xix
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PES	1
Caracterização do contexto educativo	1
Caracterização do meio local.....	1
Caracterização do jardim de infância	2
Caracterização da sala de atividades.....	3
Caracterização do grupo.....	5
CAPÍTULO II – SELEÇÃO CRITERIOSA E JUSTIFICADA DAS PLANIFICAÇÕES	7
Justificação das planificações selecionadas	7
Opções e Prioridades Curriculares	9
CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO.....	11
Pertinência do estudo.....	11
Definição do problema e das questões de investigação	12
CAPÍTULO IV – REVISÃO DA LITERATURA	15
Transmissão intergeracional.....	21
CAPÍTULO V- METODOLOGIA ADOTADA	25
Opções metodológicas	25
Participantes.....	27
Instrumentos de recolha de dados.....	28
Observação.....	28
Notas de campo	29
Registos fotográficos e gravações de áudio.....	29
Evidências das crianças	30
Entrevistas – conversas	30

Processo de triangulação de dados	31
As tarefas	32
Análise dos dados.....	43
Plano de Ação	33
CAPÍTULO VI – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	34
CAPÍTULO VII- CONCLUSÕES	65
CAPÍTULO VIII- REFLEXÃO GLOBAL DA PES I E DA PES II	69
BIBLIOGRAFIA.....	75
SITOGRAFIA	77
LEGISLAÇÃO CONSULTADA	79
ANEXOS.....	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Pano com bordado de Viana fornecido pela D. Cidália, bordadeira.	36
Figura 2- Pano com bordado de Viana	37
Figura 3- Saco do pão bordado.....	37
Figura 4- Lenço “de namorar ” (de acordo com a tradição vianense)	37
Figura 5- Pano com bordado de Viana	37
Figura 6- Pano bordado pela criança H.	40
Figura 7- Desenho da criança A	43
Figura 8- Desenho da criança B	43
Figura 9- Desenho da criança C	43
Figura 10- Desenho da criança D	43
Figura 11- Desenho da criança E	44
Figura 12- Desenho da criança H.....	44
Figura 13- Desenho da criança I	44
Figura 14- Desenho da criança J	44
Figura 15- Desenho da criança K	45
Figura 16- Desenho da criança M	45
Figura 17- Desenho da criança N.....	45
Figura 18- Percentagem de avós maternas que sabem bordar.....	47
Figura 19- Percentagem de avôs maternos que sabem bordar.....	47
Figura 20- Percentagem de avós paternas que sabem bordar.....	48
Figura 21- Percentagem de avôs paternos que sabem bordar.....	48
Figura 22- Percentagem de mães que sabem bordar.....	48
Figura 23- Percentagem de pais que sabem bordar.....	49
Figura 24- Percentagem de irmãos/ irmãs que sabem bordar.....	49
Figura 25- Percentagem de familiares que sabem bordar.....	49
Figura 26- Percentagem de familiares que transmitiram a arte de bordar.....	50
Figura 27- Percentagem de elementos a quem foi transmitida a arte de bordar.....	50
Figura 28- Percentagem educandos que sabem bordar.....	50

Figura 29- Desenho no tecido.....	52
Figura 30- Primeiros pontos do bordado	53
Figura 31- Execução do Bordado / Questionário	54
Figura 32- Exposição da toalha de mesa	55
Figura 33- Bordado e registo da criança A	57
Figura 34- Bordado da criança C.....	58
Figura 35- Bordado e registo da criança B.....	58
Figura 36- Bordado e registo da criança D	59
Figura 37- Bordado e registo da criança E	59
Figura 38- Bordado e registo da criança F	60
Figura 39- Bordado e registo da criança G	60
Figura 40- Bordado e registo da criança I.....	61
Figura 41- Bordado e registo da criança H	61
Figura 42- Bordado da criança J.....	62
Figura 43- Bordado da criança K.....	62
Figura 44- Bordado e registo da criança L	63
Figura 45- Bordado da criança N	63
Figura 46- Aspeto de uma implementação no 1º ciclo do Ensino Básico.....	69
Figura 47- Aspeto de uma implementação na EPE.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Género e idade dos participantes.....	27
Tabela 2 - Planificação das tarefas de investigação.....	32
Tabela 3 - Calendarização do estudo.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS

EPE- Educação Pré-Escolar

NEE- Necessidades Educativas Especiais

PESI- Prática de Ensino Supervisionada I

PESII- Prática de Ensino Supervisionada II

OCEPE- Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar

LISTA DE ANEXOS

Anexo I- Plano Anual de Atividades (plano pormenor)

Anexo II- Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação

Anexo III- Desenhos livres elaborados por algumas crianças

Anexo IV- Questionário aos Encarregados de Educação

Anexo V- Documento informativo para os Encarregados de Educação

Anexo VI- Folha de registo sobre a atividade

Anexo VII- Material realizado ao longo da PES II em formato digital

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PES

No presente capítulo, começa-se por apresentar o contexto em que foi realizada a prática de ensino supervisionada II. Seguindo-se algumas caracterizações a nível do contexto educativo, do meio local, da instituição, da sala de atividades e por último o grupo de crianças envolvidas.

Caracterização do contexto educativo

O jardim de infância foi o local onde se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada II e o respetivo trabalho de investigação. Este mesmo jardim de infância pertence a uma freguesia do concelho de Viana do Castelo, na zona norte do país. Todo o trabalho de investigação decorreu entre os meses de outubro a janeiro, tendo em conta que foi este o período estipulado para ser desenvolvida a PESII.

Caracterização do meio local

A cidade, sede de distrito e município, localiza-se junto à bela foz do rio Lima, tendo no mar uma das suas principais características e influências. Viana do Castelo está situada num local abençoado pela natureza, marcado pelo Verde Minho e o profundo azul do Mar e do Rio Lima que a acompanha, concedendo paisagens únicas e inesquecíveis.



Viana é terra de tradições e forte história, presente nas suas bem preservadas ruas e caminhos, de forte fervor religioso e grande herança de casas senhoriais e brasonadas.

Vários são os locais de interesse em Viana, podendo-se destacar a bonita e medieval Igreja Matriz (ou Sé), a graciosa Praça da Rainha, com os Paços do Concelho e centrada pelo Chafariz renascentista, o bonito Teatro Sá de Miranda ou a emblemática

Ponte metálica projetada por Gustave Eiffel, de onde se pode admirar a grande beleza da cidade.

Encimando a cidade, no Monte de Santa Luzia, encontra-se um dos mais bonitos locais do Minho, a Basílica de Santa Luzia, cuja construção se iniciou em 1903 e ficou totalmente concluída apenas em 1943. Do alto deste monte o panorama é maravilhoso, avistando-se o centro histórico de Viana e toda a foz do rio Lima que desagua no imenso oceano Atlântico.

Mas muito próprio desta tradicional Viana é o seu folclore, trajes típicos, e artesanato muito próprio e afamado, de onde se destaca a arte de trabalhar o ouro, produzindo peças muito próprias e afamadas ao longo dos séculos, com obras de arte como as tradicionais “Arrecadas de Viana”, os “Colares de Contas (produzidas pelas civilização grega, etrusca e fenícia e castreja), as “Memórias de abrir”, a “Laça” ou o “Coração”, bem como uma rica e famosa Gastronomia.

Uma das festividades mais afamadas e concorridas é Festa em honra à Senhora d’Agonia, com uma das mais bonitas Romarias do País, mas também com o desfile das mordomas, em que centenas de raparigas de todo o concelho desfilam com os tradicionais trajes e ricos adornos de ouro, ou a tradicional procissão no mar, incluindo a bênção dos barcos dos pescadores.

Caracterização do jardim de infância

O Estabelecimento de Educação e Ensino é uma Instituição Educativa de carácter público. Depende diretamente do Ministério da Educação, da Equipa de Coordenação e Apoio às Escolas de Viana do Castelo e do Agrupamento de Escolas Pintor José de Brito, nos níveis Administrativo e Pedagógico.

Esta Instituição promove o desenvolvimento Pessoal e Social da criança assente em experiências relacionais do quotidiano, visando uma Educação na cidadania, no exercício da liberdade, participação e respeito individuais.

Possibilita a igualdade de oportunidades no acesso à Escola, visando o sucesso na aprendizagem e promovendo a interação Escola/Família/Comunidade.

Favorece e reconhece o direito dos Encarregados de Educação à escolha, orientação e condução do processo Educativo e o dever do Estado em apoiar e garantir o pleno exercício desse direito.

Promove o desenvolvimento global da criança, atendendo e respeitando as suas características individuais, promovendo atividades educativas baseadas em experiências diversificadas e interações sociais mais alargadas.

Contribui para o desenvolvimento de formas de interação contínua como a família, assim como a comunidade envolvente com vista a ser uma escola aberta à comunidade. Pretende-se desta forma que a intervenção pedagógica contribua para o equilíbrio e bem-estar da criança, promovendo a sua autonomia e responsabilidade numa relação afetuosa, de compreensão e tolerância com a comunidade.

O espaço do jardim de infância foi acrescentado à construção já existente. É constituído por duas salas de atividade, casa de banho e uma sala pequena que serve para fazer o acolhimento quando as crianças chegam à escola.

O espaço reservado ao 1º ciclo possui 3 salas de aula, uma sala de professores, uma sala de atendimento, um espaço polivalente com funções de cozinha e cantina. Há instalações sanitárias para adultos e crianças.

A ligação entre os dois níveis de ensino faz-se pelo interior do edifício. Há dois espaços exteriores, alpendres cobertos, onde diariamente se faz a receção e a entrega das crianças. O logradouro é comum à escola e ao jardim de infância. Possui vedação em toda a volta e tem um parque com baloiços, escorregas etc.

Caracterização da sala de atividades

A sala do Jardim de infância situa-se do lado direito do edifício. Este é um espaço amplo, com paredes de cor branca, com algumas listas verdes e roxas. Possui janelas altas, o que possibilita a receção de luz natural e aquecimento central.

A sala está dividida por áreas de trabalho e diversão que permitem estimular a criatividade, a socialização e as aprendizagens das crianças. Assim, as áreas são as seguintes:

- Área de grande grupo
- Área da Expressão Plástica

- Área da informática
- Área dos jogos
- Área da leitura
- Área do acolhimento/vídeo
- Área das construções
- Área da casinha (faz-de-conta)

A sala dispõe de três placares em cortiça que são utilizados, dois deles, para afixar os trabalhos realizados pelas crianças, nos diferentes domínios e um outro para afixar algumas comunicações e informações referentes à turma e a algumas atividades, onde se encontra o quadro de aniversários do grupo e o calendário.

Existe ainda um destes quadros à entrada da sala, no corredor que vai em direção à cantina, onde são também afixados alguns trabalhos dos alunos. Por outro lado, existe um destes quadros na sala de acolhimento, contudo é destinado a afixar algumas informações referentes à instituição.

Ainda na sala de acolhimento, é possível encontrar uma estante com livros infantis, um leitor de CD, um armário com televisão e vídeo e um outro com instrumentos musicais, livros de atividades e cd's.

Dentro da sala, existem três armários de arrumos de materiais (latas dos alunos com lápis de cor, folhas, cartolinas, tesouras, régua, capas de arquivo, cartolinas, entre outros e material de apoio aos jogos. O armário de apoio aos jogos, por vezes, torna-se desadequado, pois é um pouco alto, o que leva a que os mais novos tenham uma certa dificuldade em aceder aos jogos, embora tenhamos o cuidado de colocar os jogos que são adequadas à faixa etária menor, na parte inferior, há sempre quem desarrume e torne complicada a seleção dos jogos.

A área dos jogos de mesa dispõe de uma mesa e duas cadeiras para a sua realização, a área da leitura tem uma mesa redonda com três cadeiras e a área da Expressão plástica tem uma mesa redonda com quatro cadeiras pois é o número máximo de crianças que podem permanecer nesta área.

Na sala, na área de trabalho existem 8 mesas e 20 cadeiras adequadas ao tamanho das crianças. Este espaço adequa-se ao momento do trabalho, à hora do lanche ou a qualquer outro momento de reunião de grande grupo.

Caracterização do grupo

É um grupo de 21 crianças, incluindo uma criança com Necessidades Educativas Especiais com cinco anos. Estão responsáveis pelo grupo, uma educadora, uma auxiliar de ação educativa e ainda uma tarefeira, devido a alguns cuidados especiais da criança com NEE.

Em termos etários, a composição da turma revela-se bastante heterogénea, oscilando as idades entre os 3 e os 6 anos, sendo 11 crianças do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Existem assim, 7 crianças com 3 anos, 5 crianças com 4 anos e 9 crianças com 5 anos (havendo uma delas com 6 anos).

Algumas crianças, a nível da expressão oral apresentam atraso de Desenvolvimento da Linguagem, tanto na área da expressão como da compreensão. Isto verifica-se, por exemplo, na atividade de cantar os bons-dias, onde é notório que algumas crianças têm dificuldade em se expressar, manifestam algum constrangimento perante o grupo. Os mais novos chegam mesmo a não comunicar oralmente.

As crianças são normalmente, muito recetivas perante as diversas atividades educativas intencionais que lhes são apresentadas. Nas histórias, canções, nos registos através da pintura, na plasticina são sempre ouvidas com grande atenção e entusiasmo. Contudo, estas têm de ser curtas, pois desinteressam-se por elas facilmente acabando por não estarem concentradas no que estão a fazer, mas sim ao que acontece em seu redor, não atingindo os objetivos delineados para a actividade.

É notório que gostam de fazer novas descobertas e de ajudar os mais novos. Os mais velhos dão especial atenção, às novas tecnologias e às atividades no computador.

CAPÍTULO II – SELEÇÃO CRITERIOSA E JUSTIFICADA DAS PLANIFICAÇÕES

O presente capítulo faz referência à justificação das planificações selecionadas no decorrer da PESII, onde consta também um diagnóstico efetuado ao grupo e seu contexto educativo.

Numa segunda parte, são referidas as opções e prioridades a nível curricular, tendo em conta a sua pertinência.

Justificação das planificações selecionadas

“O jardim de infância, nas suas origens, surgiu como espaço de atendimento às crianças, como resposta às necessidades das famílias, em resultado das mudanças ao nível da organização do trabalho nas sociedades contemporâneas”. (OCEPE, 1997:15)
Hoje, pretende-se mudar este conceito e a Educação Pré - Escolar passa a ser entendida como,

“a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”. (OCEPE, 1997:15).

Deste modo, no decorrer da PESII foi tido em consideração o princípio geral da lei – quadro da EPE, tendo sempre em consideração a mensagem nela implícita.

Assim, foram elaboradas várias planificações, para as quais foi necessário dedicar um determinado tempo para observação. Jamais poderia elaborar planificações sem conhecer as crianças, as suas capacidades e necessidades, e também o contexto. Assim, todo o trabalho desenvolvido teve em conta as crianças como atores principais e importantes, tendo sempre o cuidado de responder às necessidades do grupo.

Se prestarmos atenção às OCEPE, estas mostram-nos sete etapas essenciais que caracterizam a intervenção profissional do educador, para que haja

intencionalidade educativa. Assim, desde **observar; planejar; agir; avaliar; comunicar e articular**, tudo são passos fundamentais na caminhada de um educador que se preocupa e interessa pelas necessidades do grupo e respectivas aprendizagens. (OCEPE, 1997).

Assim, ao observar estamos a adquirir conhecimentos da criança, pois através da observação de cada criança estamos a tomar conhecimentos das suas capacidades, interesses e dificuldades, bem como a recolher informação sobre o contexto familiar e o meio envolvente, o que é pertinente à compreensão das características de cada criança, podendo assim adequar o processo educativo às necessidades individuais ou mesmo do grupo.

Ao observar estamos praticamente a preparar o caminho para o planeamento e também avaliação, tendo assim uma base para a intencionalidade do processo educativo.

No ato de planejar, é crucial pensarmos em proporcionar aprendizagens diversificadas e significativas para as crianças. É neste momento que o educador deve refletir sobre as suas intenções e adequações ao grupo em questão, prevendo experiências de aprendizagem. Por outro lado, importa que ao planejar se tenha em consideração as diferentes áreas de conteúdo e a sua relação, estando atentos a possíveis modificações, que poderão surgir das propostas das crianças envolvidas. Por último, a planificação deve ser composta de aprendizagens estimulantes e desafiadoras de modo a estimular as crianças. Para além disso, sempre que possível, as crianças devem ser incluídas na realização da planificação.

Deste modo, devemos agir, ou seja, *“concretizar na ação as intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas”*. Para além da concretização da ação, a participação de outros adultos, como pais e outros membros da comunidade, *“na realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador é uma forma de alargar as interações das crianças e de enriquecer o processo educativo”*.

Porém, devemos tomar consciência da ação e isso ocorre quando avaliamos as crianças. *“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades da criança e do grupo e à sua evolução”*. (OCEPE, 1997:27). Imediatamente a seguir é também necessário comunicar e isto

ocorre ao partilhar com a equipa e mesmo com os pais, os conhecimentos que o educador adquire de cada criança e do modo como estas evoluem, pois os pais e outros membros também são responsáveis pela educação das crianças. Se houver troca de opiniões entre família-escola é possível ter um melhor conhecimento sobre a criança e seu desempenho.

Por último, é fundamental que haja articulação de todo este processo envolvido na EPE com o 1º ciclo, para que ocorra uma continuidade educativa.

Opções e Prioridades Curriculares

“A Área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo”.
(OCEPE., 1997: 79).

Para desenvolver esta investigação, optei por me envolver a mim e às crianças na área do conhecimento do mundo, dando especial prioridade aos saberes sociais, explorando assim o meio próximo.

Como tudo na vida, esta opção também teve uma razão de ser. Como é referido anteriormente, inicialmente foi disponibilizado algum tempo para observação, antes de iniciar qualquer atitude de planificação. Assim, nesta fase de observação e também adaptação à PESII, deparei-me com uma comunidade que demonstrava bastante interesse em apoiar a vida escolar das crianças, bem como o envolvimento em atividades educativas. Por outro lado, sentia que isto não era uma prática muito presente, apesar de haver vontade por parte da comunidade. Foi então que pensei em desenvolver uma investigação que relacionasse a Escola e a Família, pois sentia que havia potencial. Então pensei fazer uma pesquisa prévia sobre o meio envolvente, através de pessoas que trabalhavam na instituição, e assim obtive bastante informação a nível de tradições e costumes da comunidade. No entanto, houve uma que despertou bastante curiosidade e vontade de aprofundar, que foi a questão dos Bordados de Viana do Castelo, uma vez que estes são tão conhecidos e valorizados.

Para completar esta seleção sustentei-me no plano anual de atividades que tinha sido fornecido pela educadora cooperante, quando me deparei com uma atividade que correspondia às minhas intenções. (Anexo I).

Contudo, houve necessidade de refletir um pouco sobre estas ideias e opções. Foi então que tomei em conta as OCEPE, que nos dizem que “ *tanto os pais como outros membros da comunidade poderão colaborar no desenvolvimento do projeto educativo do estabelecimento*” (OCEPE., 1997: 23), então considerei oportuno “*incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade*” (OCEPE, 1997: 22), na medida em que dei prioridade a uma investigação no campo da transmissão intergeracional dos bordados, uma vez que estes fazem parte do património cultural da freguesia na qual se enquadra o contexto escolar envolvido.

CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

Pertinência do estudo

“As crianças são sujeitos sociais”.

(adaptado de Eric Maheu)

O conhecimento que a criança tem do mundo que a rodeia é conseguido principalmente através das interações com outros seres. Como bem refere Bruner, a criança “não caminha sozinha”, até pelo contrário, as nossas abordagens do mundo, ocorrem através das negociações com os outros. (cit in GRAUE, 2003: 65).

Para além disso e como refere o mesmo autor, devemos “afastar-nos” da conceção de criança que opera isolada pois, a aquisição do conhecimento humano resulta da interação, sendo, por isso, uma aquisição social dependente da língua, da herança cultural, dos modos sociais de transmissão de cultura. E como também acrescenta Ferreira (2004) *“os objetos, pessoas, situações e acontecimentos não têm qualquer significado só por si senão quando este é constituído e partilhado socialmente na interação que os indivíduos estabelecem”* (cit in ARAÚJO, 2006: 133).

Deste modo, ao falarmos em transmissão intergeracional, isto remete-nos o pensamento para um povo, uma localidade, adultos e crianças/adolescentes. De facto são estes os elementos fundamentais para que tal aconteça. E se pensarmos no termo “bordar”, este significa fixar num determinado formato, um legado, patrimonial representativo das técnicas e saberes de um povo. Nesse sentido torna-se essencial compreender a evolução dos suportes, das técnicas e dos motivos que caracterizam este processo cultural. Importa ter bem presente que, um dos maiores tesouros que se pode ter, é sem dúvida alguma, aquilo que os nossos antepassados nos legaram. As tradições são o melhor repositório de conhecimentos que podemos ter e, talvez, o que menos valorizamos. Será isto certo? Por todas as razões, devemos preservá-las e fazer sempre o possível para que não sejam nunca esquecidas.

Isto sim, será uma prova de respeito pela nossa herança cultural.

Assim, os bordados são uma das maiores riquezas desta freguesia de Viana do Castelo. Estes devem ser respeitados e deve-lhes ser dada continuidade, não deixando morrer uma tradição que caracteriza todo um povo e uma terra.

Ao longo do tempo vai-se construindo o Património de um povo, acabando por ser impressas marcas de identidade cultural, muito próprias e específicas. Como tal, os bordados tradicionais não são exceção, uma vez que são a expressão de um povo onde as vivências e os valores são perduráveis. O trabalho manual que se expressa nos bordados impressiona pela leveza e simplicidade e pelo modo como conseguiram sobreviver à era industrial. Opinião testemunhada por José Maria Cabral Ferreira, quando afirma que com a era industrial “ umas artes perderam, total ou parcialmente, a sua razão de ser, outras viram-se substituídas por produtos similares, ou organizações profissionais tradicionais, (...) e assim muitas dessas artes, em muitos lugares foram paulatinamente desaparecendo” (FERREIRA, 1983: 93).

Se por um lado, estamos hoje perante um desaparecimento e envelhecimento dos artesãos, por outro lado, assistimos também a um surto de interesse por estas atividades. Na realidade, o problema subsiste porque muitos dos objetos foram perdendo a sua função e não lhes foi entregue outra. Podemos tomar como exemplo, o lenço dos namorados, que tinha um papel tão presente numa relação de namoro e com o advento das novas tecnologias viu relegado a seu papel.

Deste modo, é crucial que se alargue o processo de aprendizagem e transmissão desta arte de bordar, e isto pode acontecer em círculo familiar, como primeira e grande etapa.

Definição do problema e das questões de investigação

Tendo por base a linha de raciocínio abordada anteriormente, e dando especial atenção à questão da transmissão de saberes através de gerações, foi definido o problema para este estudo. Deste modo, o principal objetivo é perceber se realmente se processa a transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo. E se as crianças reconhecem/identificam, os bordados como uma tradição do meio envolvente.

Com este trabalho procura-se promover a importância de cultivar as tradições, neste caso a tradição do bordado. E, tal como é do conhecimento de todos nós, as tradições são de facto uma riqueza para as comunidades e povos, mas, infelizmente, cada vez mais se assiste à “morte” destas. Logo, é de grande interesse que se comece desde já a incentivar e envolver as crianças da EPE.

Assim sendo, para refletir sobre esta problemática, foram formuladas algumas questões de investigação:

- ✓ *Existirá, transmissão intergeracional da tradição dos bordados de Viana do Castelo?*

- ✓ *Como se processará essa transmissão?*

- ✓ *Será a família o elemento fundamental, para que haja transmissão de saberes?*

Para que esta investigação fosse realizada, foi elaborada uma proposta pedagógica, composta por cinco tarefas, tais como:

- ✓ Observação de bordados;
- ✓ Elaboração de desenhos representativos dos bordados;
- ✓ Questionário à família;
- ✓ Visita “ Avó vem ao jardim de infância bordar”;
- ✓ “Mãos pequeninas que fazem coisas grandes” - bordar em família;

CAPÍTULO IV – REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo é apresentada a revisão da literatura com o objetivo de contextualizar o tema geral sobre o qual incide este estudo. Assim, procura-se desenvolver um pouco da história dos bordados de Viana do Castelo, bem como, a transmissão intergeracional dos mesmos, como tradição que caracteriza um povo e uma terra.

Deste modo, numa primeira parte será analisada a lei-quadro da Educação pré-Escolar, que nos remete para a importância da educação em parceria com a família. No segundo ponto constará um pouco da história dos bordados de Viana do Castelo. E por último, o terceiro ponto, que falará da transmissão intergeracional.

*“Quando vejo uma criança, ela inspira-me dois sentimentos: ternura pelo que é,
e respeito pelo que pode vir a ser.”*

Pasteur, Louis

A Lei-Quadro da EPE (Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro) estabelece como princípio geral que,

“a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

Neste sentido, a família desempenha um papel fundamental no assegurar da transmissão de valores, de conteúdos que se devem perpetuar num sentido intergeracional, ou seja, no diálogo pleno entre as gerações mais velhas e mais novas. No mesmo texto, deparamo-nos com o artigo 10.º, que indica que são objetivos da educação pré-escolar:

a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;

b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;

c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;

d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;

i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.

Analisadas estas linhas, fica-nos a convicção da sua importância para a construção participada da educação infantil entre o jardim de infância e a Família.

Como é do conhecimento de todos, atualmente, as crianças ingressam no sistema de educação cada vez mais cedo, mesmo nos meios mais rurais. Assim, com esta influência, cada vez mais precoce do sistema educativo na vida das crianças, a transmissão de determinados valores e saberes que são considerados essenciais, devem ser tidos em conta nas escolas, o que nem sempre acontece.

É fundamental que todos os profissionais e responsáveis pela Educação das crianças tenham em linha de conta o artigo 10º e que por sua vez, atinjam os objetivos propostos para a EPE. Nunca esquecendo que as crianças de hoje serão os adultos de amanhã.

Um pouco de história do bordado de Viana do Castelo...

“O Minho é a província do Norte de Portugal onde a arte do bordado se revela de maneira mais exuberante e variada, tanto nos tradicionais trajes populares, como na roupa de casa, estes sempre bem decorados. Assim, Viana do Castelo é uma das regiões onde estes adquirem, a sua expressão mais rica”. (SOUSA, 1989:152).

Na atualidade, são bastantes os trabalhos com bordados de Viana do Castelo que podemos encontrar. São exemplo disso os atoalhados, sacos de pão, panos de mesa, chinelas, camisas, etc. É possível, por isso mesmo, observar que todos os motivos bordados tiveram origem nos trajes regionais que foram posteriormente transpostos para estes trabalhos.

Como refere Silva, “esta transposição deve-se a uma Vianense de grande valor, a Sr.^a D^a Gemeniana Branco de Abreu e Lima que pelo seu talento e ciência contribuiu para uma grande expansão destes bordados, considerando o número de lojas comerciais que se encontram nesta zona e se dedicam a este tipo de comércio”. (SILVA, 2006: 18,19).

Segundo Medeiros, 1994,

“se o traje à lavradeira é considerado o traje feminino mais garrido, mais belo e mais artístico do país, isso deve-se em parte, aos bordados com que a mulher de Viana os ornamenta e que se podem considerar, também os mais autênticos e os mais originais dos nossos bordados populares”. (cit. In (SILVA, 2006: 20).

Para elaboração dos bordados de Viana do Castelo são utilizados materiais da própria região e os desenhos são inspirados na fauna e flora da mesma, *“pelo que podem ser considerados um dos mais belos e originais do norte de Portugal”*. (SILVA, 2006:20). Considerando as palavras de Francisco Sampaio, e inspiradas na Carta Provisória do Artesanato do Alto Minho, os bordados regionais,

“São feitos em pano alinhado, linho, estopa fina, e lã com utilização do fio de algodão perlé ou fio de lã, e produzidos a partir da combinação das chamadas cores folclóricas

(azul, vermelho e o verde), à exclusão dos grandes atalhados, estes bordados, a maior parte, com cores mortas.

Os motivos mais em voga, segundo riscos antigos e utilizados de acordo com a maneira pessoal de cada bordadeira, tanto aparecem no traje como nas célebres toalhas de mesa de Viana: silvas (linhas retas ou curvas, das quais partem pequeninos raminhos de folhas a cheio – silvas de folhas); Corações (desenho em forma de coração, geralmente bordados com fios tirados e contornados com pé-de-flor); Rosas (desenho que imita uma flor); Japoneiras (estilização das camélias); Fouces (estilização da lâmina da fouchinha); Elementos geométricos (triângulo, quadrado, losango).

Nos bordados com fios de algodão, utilizam-se, também, o ponto aberto, cheio, cordão, criva, cruz, espinha de peixe, formiga simples, nozinho, pé-de-flor, pregas de imprensa e cadeia.

As bordadeiras conseguem transmitir nos seus bordados os sentimentos que lhe estão relacionados com a vivência telúrica, as tradições locais e os motivos naturalistas, demonstrando muita sensibilidade e respeito pelo trabalho. Portanto, estes bordados podem ser entendidos como um produto e reflexo de todas as vivências e cultura popular destas mulheres camponesas que vivem nesta região.

Não se pretende afirmar que os Bordados de Viana tenham aqui nascido espontaneamente. Como é conhecimento geral a arte dos bordados remonta à Antiguidade. Há referências históricas nos períodos áureos da Grécia e Roma e, inclusive, é conhecida uma citação no Antigo Testamento. Em Portugal este labor genuinamente feminino teve na vida conventual um longo período de séculos. Aquando da Reforma das Indústrias, em Lisboa, por volta de 1572, há notícia concreta relativamente aos bordados.

Em Viana do Castelo este labor terá recebido influências do intenso intercâmbio marítimo mantido com outros países, como nos relatam os anais da sua história.

Presentemente não se fala em Artesanato do Norte de Portugal sem que afluam à mente, por associação de ideias, os Bordados de Viana, cuja fama galgou fronteiras. Os milhares de visitantes levam habitualmente, como recordação, uma das múltiplas peças do mostruário, tais como toalhas, saias, blusas, camisas, aventais, algibeiras, chinelas, socos, meias, almofadas, barretes, sacos, caixas de costura, guarda-joias, corações,

agulheiros, porta-moedas, tabuleiros, lenços, bibes, capas de livros, estofos, tapetes, passadeiras, quebra-luzes, cortinados, colchas e brinquedos. (PAÇO, 1979: 16, 17).

Esta ideia de Afonso do Paço parece-me de todo considerável e consciente pois, como sabemos, Viana do Castelo é uma das cidades do Norte do país, com maior sensibilidade para a preservação da tradição de bordar. Embora se tenha sentido uma grande diminuição das pessoas que se dedicam a esta arte, ou seja, de bordadeiras, pois como é sabido esta é uma arte maioritariamente feminina.

Antigamente, era rara a mulher que não soubesse bordar, mas na atualidade acontece o contrário. Verifica-se um aumento do número de pessoas que não sabem bordar, devido a motivos diversos como a falta de disponibilidade ou até mesmo o desinteresse pela atividade. Pude constatar, pelos inquéritos que desenvolvi, que estes aspetos foram determinantes na obtenção destes resultados.

No entanto, ainda há algumas bordadeiras que exercem a arte, mas não a título individual, pois estas trabalham para casas onde o produto é certificado, como o caso da “Casa Vila Maria”, onde se fornece trabalho às várias bordadeiras que bordam em suas casas, sendo financiadas pelo trabalho efetuado.

Contudo, Viana do Castelo é das cidades mais conservadoras e entusiastas da tradição dos bordados. Tem sido um grande ponto de interesse para os turistas quer do nosso país quer de outros. Na medida em que a grande maioria das pessoas que visitam a cidade levam consigo imensas recordações e estas estão também associadas ao traje regional, que é bastante apreciado e valorizado pelas pessoas que visitam Viana e o seu Artesanato.

Três períodos do percurso histórico dos Bordados Vianenses

O **primeiro período** vai das origens até aos anos 30 do século XX. Os suportes são, de início exclusivamente de linho fino, introduzindo-se o meio linho. As cores usadas são o azul sulfato (produzido com corantes naturais) e o vermelho vivo, tendo mesmo havido tendências para o laranja. Predominava a utilização do ponto cruz, mas aparecem todos os outros progressivamente. Neste período a variedade de motivos era maior – animais, folhas, geometrismos, estilização e simplificação de formas.

O **segundo período** vai dos anos 30 aos fins da década de 50. Aqui desaparecem os motivos como aves, cães, lançadeiras, folhas de videira (ou hera) e carvalho, mas aparecem as cornucópias e abundam os corações. Surgem as flores inventadas, os corações ocupam os cantos, cedendo a sua forma aos vasos de flores. Os caracóis orlados de dentes ou folhas de feto, ganharam maior expressão e as japoneiras fizeram conjuntos com cravos, marias e flores provenientes da imaginação das bordadeiras.

O **terceiro período** é aquele em que vivemos que “se caracteriza pela institucionalização em termos de preocupações patrimoniais”. A preocupação com a diversidade fez aumentar a temática decorativa – novas cores, como: verde, rosa, laranja, lilás e cinza, obtidas por processos industriais. (Cit in Os Bordados de Viana do Castelo - Embroideries of Viana do Castelo , 2005: 50,51,52).

Transmissão intergeracional

“O conceito de transmissão intergeracional compreende a travessia de uma geração à seguinte de legados, rituais e tradições, a qual pode ser consciente ou inconsciente. Como uma modalidade da transmissão psíquica, a transmissão intergeracional compreende a possibilidade de uma geração transformar uma herança psíquica ou cultural, muitas vezes patológica”. (Magalhães & Féres-Carneiro, 2004; Ruiz Correa, 2000, cit in, LISBOA A., 2007:52)

A questão da continuidade da cultura através das gerações tem recorrido ao conceito de “socialização”, que passa a ser vista como *“o processo de integração de um indivíduo numa dada sociedade ou num grupo particular através da interiorização dos modos de pensar, de sentir e de agir, ou, por outras palavras, dos modelos culturais próprios da sociedade ou do grupo em causa”* (Cuche, 1999, cit in ARAÚJO, 2006: 14).

Segundo Kaës, Faimberg, Enriquez & Baranes, a transmissão intergeracional permite dar continuidade à identidade de uma família, bem como à identidade de um determinado grupo (cit in LISBOA A., 2007:52). Interpretando a ideia de Ruiz Correa (2000), num grupo familiar, a transmissão tem sentido quando há passagem de uma história particular, de acontecimentos definidos nessa história e dos laços estabelecidos entre pessoas ou gerações. (LISBOA A., 2007: 52).

Outros autores ainda, como Benghozi (2000), Magalhães e Féres-Carneiro (2004, 2005), mencionam que a transmissão se pode dar através de processos conscientes, tendo em conta que alguns conteúdos que fazem parte da herança cultural e da própria família, são percebidos e até explicados, como tais, pelos sujeitos envolvidos na transmissão. Portanto, *“é de geração em geração que reconhecemos as tradições familiares ancoradas, às vezes, nos mais rígidos e inflexíveis hábitos e atitudes do quotidiano, garantindo a sobrevivência do grupo em meio às transformações sociais e económicas da sociedade”.* (cit in, LISBOA A., 2007: 53).

Como nos diz Júlia Oliveira-Formosinho, *“a pedagogia transmissiva para a educação de infância define um conjunto mínimo de informações essenciais e perenes de cuja transmissão faz depender a sobrevivência de uma cultura e de cada indivíduo nessa cultura”.* Assim, a transmissão é a passagem deste património cultural a nível de gerações e também de cada pessoa, individualmente.

A educação tradicional transmissiva tem como ponto central os saberes que são considerados fulcrais e inalteráveis, sendo estes indispensáveis para que alguém seja educado e culto.

Com isto, importa dizer que o professor é considerado um meio de transmissão, daquilo que já lhe foi transmitido, sendo ainda o elo de ligação entre esse património permanente e a criança.

“Os objetivos da educação são baseados na transmissão desse património perene e na sua tradução em aquisição de capacidades (pré) académicas e na aceleração de aprendizagens”. Existe uma imagem da criança, de uma espécie de tábua rasa, ou até de uma folha em branco, tendo assim de exercer uma atividade de memorização de conteúdos e reprodução leal, descriminando estímulos exteriores, evitando os erros e assim corrigir os que não poder evitar.

Por outro lado, o papel do professor é o de um transmissor que utiliza, geralmente, materiais estruturados para essa mesma transmissão. Contudo a motivação baseia-se em reforços seletivos vindos do exterior. (FORMOSINHO,2009:6,7).

E aqui, importa realçar a palavra Família, sobre a qual se tem vindo a falar constantemente, ao longo deste trabalho, esta que assume realmente um papel exemplar e de grande importância. Porém, ao falar em Família, importa realçar uns elementos essenciais para esta temática da transmissão, que são sem dúvida os avós.

Os avós são os “guardiões” da memória familiar mas podem também ser um fator intergeracional de transmissão de experiências e conhecimentos. (DUTRA, 2008: 17). Assim, os avós assumem um papel fulcral na construção de aprendizagens de seus netos.

Normalmente, os pais dão muito valor à presença dos avós e seu apoio nas responsabilidades educativas, uma vez que estes ajudam, estão sempre disponíveis, para além de gostarem imenso de estar com os netos.

“Embora os avós sejam o laço vital da continuidade, na medida em que conseguem transmitir aos netos os valores, as tradições e as expectativas familiares é aos pais que compete o papel disciplinador”. Deste modo, *“Estudos realizados em Portugal revelam que, do ponto de vista dos netos, os avós podem desempenhar o papel de “manter os*

laços com a vida familiar”, “transmitir valores e tradições”, “facilitar o ingresso na vida ativa” e “ajudar materialmente”. (cit in DUTRA, 2008: 18).

A mesma autora acrescenta que, *“os avós são o laço vital da continuidade e o elo de ligação com a história da família e com o meio social envolvente”.*

Tendo ainda em consideração as palavras de Daniel Sampaio, quando este refere que *“a transmissão dos valores familiares é feita mais por comportamentos do que por palavras: o sentido de passagem transgeracional encontra-se sobretudo em acontecimentos vividos, mais do que em regras prescritas por adultos”.* (SAMPAIO,2008:79).

Como sabemos, estamos perante uma sociedade atual, na qual prevalece um consumo excessivo, por vezes indica que terão sido ultrapassados comportamentos de contenção que foram característicos na infância dos avós de hoje. Contudo, o facto de haver relacionamento entre netos e avós é gratificante, na medida em que se atualizam memórias e confrontam-se os mais novos com o passado da Família.

Para finalizar, torna-se oportuno refletir e observar um pouco a situação em que se encontram as nossas tradições relativamente a este tema da transmissão, mais especificamente a transmissão da arte de bordar que se enquadra na área do Artesanato. Pois como sabemos,

“redescobrir e revalorizar são, atualmente, verbos que definem o caminho que muitas das artes tradicionais portuguesas têm seguido nos últimos anos/década; até então, nem sequer fazia sentido precisar a palavra “artesanato” se inovações tecnológicas e produção em série que levaram a que se corresse o risco de confundir raízes e memórias. Foi necessário distinguir o que era artesanato, convencionando-se que se tratava de “um ofício de manufatura de matérias-primas de uma dada região realizado por um ou mais artesãos”(CASTRO cit in FERNANDES e SOUSA.2000:41.)”. (FERNANDES e SOUSA.2000:41).

No entanto, apesar de um grande esquecimento durante longos anos, as artes tradicionais retomaram importância na década de 90, sendo estas origem de alguns projetos e iniciativas de recuperação, revigoração e desenvolvimento.

Apesar disto, há consciência de que anteriormente, o facto de haver solidez de tradições significava muitas vezes menor grau de abandono das aldeias; hoje, infelizmente, podemos conjugar a rigidez de tradições com abandono e desertificação. Este abandono das artes tradicionais deve-se ao aumento de emprego nas zonas urbanas. (FERNANDES e SOUSA.2000:42).

No entanto, podemos considerar, como refere a obra “Artes e Tradições de Viana do Castelo”, que *“difícilmente encontraremos, em qualquer outra parte do país, a concentração, numa só região, de um conjunto de manifestações culturais tão ricas e diversificadas, tão intensamente enraizadas no quotidiano das populações...”* (Cit in FERNANDES e SOUSA.2000:42).

Porém, é triste, o facto de pensarmos que muitas destas artes se encontram em constante diminuição de atividade, algumas até se encontram em perigo de extinção e outras talvez já estejam extintas. (FERNANDES e SOUSA.2000:43). E isto porque a maior parte dos artesãos têm já alguma idade, e as gerações mais jovens têm tendência a desviar-se destas artes e costumes, muitas vezes porque as ignoram. Porém dão tamanha beleza e riqueza às regiões, que se torna urgente apoiá-las.

Assim, importa lutar pelas nossas tradições e levar os mais novos para essa luta, para que sintam orgulho em dar continuidade e também transmitir aqueles que são os nossos valores, não deixando, acima de tudo, “morrer” as tradições.

CAPÍTULO V- METODOLOGIA ADOTADA

No presente capítulo, é apresentada a metodologia que norteou este estudo. Assim, numa primeira parte, expõem-se as grandes opções do estudo, justificando a escolha de uma metodologia de investigação-ação mista, apesar de essencialmente qualitativa. Continuamente apresenta-se a caracterização dos participantes e do contexto, e por último incide-se, particularmente, na análise dos dados recolhidos.

Opções metodológicas

“Não inventes o que podes descobrir”

Howard Becker, (cit in GRAUE, 2003:9)

O presente estudo surge influenciado pela curiosidade. Quis conhecer um pouco mais o meio local, no qual, durante três meses me senti envolvida. Todo o interesse por este estudo investigativo começou, quando me dirigia pela primeira vez à procura do Jardim de infância, o qual me foi indicado como instituição onde iria realizar a minha prática pedagógica. Assim, a modo de procura, pois desconhecia a Freguesia, a determinado momento deparei-me com uma placa que delimita o território entre freguesias, com a seguinte mensagem: “ ... Terra dos bordados”. Uma vez que eu já sabia que iria desenvolver um estudo no campo do conhecimento do mundo, o pensamento foi imediato. E questionei-me... porque não informar-me sobre as tradições do meio local e desenvolver um estudo à volta disso com as crianças? Se indicam esta freguesia como a terra dos bordados será que as crianças que eu vou encontrar no jardim de infância sabem bordar? Tudo isto influenciou a primeira pergunta de partida: Existirá, transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo?

E tal como refere Lee Shulman “a finalidade da investigação é ficarmos a saber mais acerca do mundo para podermos torná-lo um pouco melhor.” (cit in GRAUE, 2003: 9). Assim, este estudo relata o processo de descobrir com as crianças do Pré-escolar. Sendo o contexto de ação e interação da criança fundamental em investigação, optei pela metodologia da investigação-ação, uma vez que se pretendia, com a pesquisa, agir sobre um problema da vida real, contribuir para o conhecimento e compreensão e experiências práticas em contexto de sala de aula e também familiar,

em que todos os intervenientes desempenhassem um papel ativo no processo de investigação. Foi eleito, assim, um método que envolveu trabalho colaborativo com educadora, crianças, bordadeiras e outros elementos da comunidade. Como refere Alderson (2005), “ a participação das crianças envolve uma ênfase mutável de métodos e tópicos de investigação” como tal, e tendo em consideração que as crianças são participantes ativas da investigação “ podem falar e relatar opiniões e experiências válidas” socorri-me, nesta primeira parte, de uma abordagem qualitativa para o tratamento de dados, pois estes não podem ser quantificáveis. (ARAÚJO, 2006: 58).

Por vezes, ao nos centrarmos numa quantificação, podemos ignorar aspetos relacionados com as crianças que em contexto escolar não podem ser quantificadas, mas sim qualificadas.

Importa ainda referir que, a recolha de dados foi feita num ambiente de sala de aula e também através da colaboração dos encarregados de educação que participaram de forma positiva, dando sempre informação sobre o conhecimento que as crianças tinham acerca do tema dos bordados. Assim, considero que desempenhei um papel de observadora participante. Só desempenhando este papel se consegue observar, permitindo um conhecimento direto do que realmente acontece, num determinado contexto.

Neste prosseguimento, foram utilizadas técnicas ajustadas e diversas fontes de dados para que, com apoio da triangulação de dados, se possa proceder à validação dos mesmos. Ainda foram utilizados outros instrumentos de trabalho, como:

- Observação;
- Notas de campo;
- Registos fotográficos e gravações de vídeo;
- Registo das crianças e Entrevistas

Por último, quero referir que foram participantes, neste estudo, 14 crianças de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 4-5 anos, alunos do Jardim de infância. Contudo, para além de desempenhar um papel de investigadora, desempenhei também o papel de educadora estagiária. Como educadora estagiária, tive o cuidado de conhecer o grupo com que me deparei, estabelecendo uma relação de proximidade, facilitadora para o desenvolvimento das propostas pedagógicas. Como investigadora, procurei dinamizar o interesse pelo cultivo das tradições,

especificamente, manter viva a tradição dos bordados de Viana do Castelo. Para além disto estabeleci os seguintes objetivos, para este estudo:

- Analisar se as crianças têm conhecimento dos bordados, como uma das tradições do seu meio envolvente;
- Promover a importância de cultivar as tradições;
- Promover as trocas tradicionais entre gerações;

Participantes

Para a presente investigação tiveram lugar de participantes catorze crianças de um jardim de infância da zona norte do país, mais propriamente, do concelho de Viana do Castelo. Estas catorze crianças tinham idades compreendidas entre os 4 e 6 anos e eram sete do sexo feminino e sete do sexo masculino.

Como é possível verificar no 1º capítulo onde consta da caracterização do grupo, estão listadas vinte e uma crianças no grupo, mas para este estudo de investigação foram selecionadas apenas catorze devido à faixa etária, pois seis das crianças têm apenas 3 anos e algumas ainda nem os completaram. Para além disso a criança com necessidades educativas especiais também não foi incluída na investigação devido às suas limitações, as quais não permitiriam nunca que fosse incluído neste trabalho.

Na seguinte tabela é feita uma caracterização mais discriminada, relativamente ao género e idade de cada um dos participantes.

Tabela 1- Género e idade dos participantes

Participantes	Idade	Género	
		Masculino	Feminino
Criança A	6	X	
Criança B	4		X
Criança C	5	X	
Criança D	5		X
Criança E	5		X
Criança F	5	X	
Criança G	4		X
Criança H	5		X

Criança I	4	X	
Criança J	5	X	
Criança K	5	X	
Criança L	4		X
Criança M	5	X	
Criança N	4		X

Instrumentos de recolha de dados

Uma vez que optei pela metodologia da investigação-ação, posteriormente foi necessário recorrer a alguns instrumentos de trabalho, para poder analisar, compreender e aprofundar a temática sobre a qual se debruça este estudo. Assim, selecionei os seguintes instrumentos de recolha de dados: observação participante; notas de campo; registos fotográficos e gravações de vídeo; evidências das crianças e entrevistas/conversas.

Observação

A entrada em campo é como nos mostra Flick (2004), *“mais crucial na investigação qualitativa (...) Aqui o contacto que os investigadores procuram é mais próximo e mais intenso”* (cit in ARAÚJO, 2006:61).

Lessard- Hébert Goyette e Boutin (1990), defendem que os investigadores devem ser *“o instrumento principal de observação”*, ou seja, devem como acrescenta o mesmo autor *“compreender o mundo social do interior, (...) Ele é um ator social e o seu espírito pode aceder às perspetivas de outros seres humanos, ao viver as «mesmas» situações e os «mesmos» problemas”*. Foi o que procurei fazer durante a minha investigação, aproveitei a minha inserção no grupo e tornei-me colaboradora nas atividades para melhor o compreender e observar. (cit in ARAÚJO, 2006: 61).

Esta interação observador-observado é mais propícia para a recolha de informação que de outra forma não teria acesso. Considero pois, ser aquela que melhor se adequa à minha investigação, uma vez que, estando inserida no grupo, me permitiu uma análise global e intensiva do objeto de estudo. Por outro lado a minha

inserção no meio exigiu que fosse fiel ao que observei fazendo um relato textual, desenvolvido e redigido logo que possível.

Notas de campo

As notas de campo são um aspeto fundamental e imprescindível para a observação participante. Pois estas permitem registar situações que ocorrem em determinado momento, entre os elementos que interagem em determinado contexto. Com as notas de campo é possível fazer registos detalhados e descritivos do contexto, dos participantes, bem como das interações (trocas, diálogos informais), tendo sempre respeito pela linguagem se possível.

Assim, este instrumento permitiu fazer todos os registos acerca dos intervenientes e dos acontecimentos que iam despontando durante as atividades, para mais tarde, ser facilitada uma breve análise.

Registos fotográficos e gravações de áudio

Para uma observação ainda mais rigorosa foram feitos registos fotográficos e vídeos, das crianças nas suas atividades. Os registos fotográficos e as gravações de áudio são considerados como uma técnica bastante útil na investigação-ação, uma vez que com estes é criada uma maior credibilidade dos dados obtidos, para além de que possibilitam ainda o registo mais pormenorizado de alguns pormenores que, por vezes, nos passam despercebidos durante os momentos de ação. Partilhando da mesma opinião de (Bogdan & Biklen, 1994: 183) *“as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizados para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente”*.

Estes registos têm também um papel importante na comprovação do trabalho realizado e ainda o prazer das crianças na execução das atividades propostas. Portanto, ao longo desta investigação, fui registando com alguma regularidade as observações, utilizando sempre como recurso a máquina fotográfica, tendo em conta que foi pedida autorização aos Encarregados de Educação para o fazer. (Anexo II)

Evidências das crianças

Os registos das crianças são cruciais neste tipo de investigação, pois estes permitem estabelecer comparações e observações cuidadas.

Para tal, foram indicados às crianças dois momentos de registo, que evidenciam de facto os conhecimentos destes acerca do tema. Num primeiro momento, fizeram um registo em suporte papel, dos conceitos de bordado que possuíam, recorrendo ao desenho. Seguidamente registaram de forma real, um bordado, em tecido fornecido por mim, para garantir igualdade para todos. Importa referir que este segundo registo foi realizado em contexto familiar, ao contrário do primeiro, que se realizou em ambiente natural de sala de aula.

Em suma, todos os registos permitiram-me reunir um conjunto de dados e, ao mesmo tempo, enriquecer o trabalho investigativo.

Entrevistas – conversas

Como instrumento complementar, foram também realizadas entrevistas/conversas com as crianças participantes no estudo e também bordadeiras. Apoiada na ideia de Marques (2002) *“é pela “palavra” que o sujeito exprime o que vive ou viveu, narra a sua história de vida, aquela em que acredita ou quer acreditar, convencendo o seu interlocutor”*. (cit in ARAÚJO, 2006:62).

Para além disso, a entrevista, ainda que em modo de conversa, ajuda a conhecer a *“estrutura das sequências das ocorrências que (...) constituem a estrutura de um tempo social ou de uma periodização histórica”* que será essencial para melhor entender os processos de transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo. (cit in ARAÚJO, 2006: 62).

Métodos de análise de dados

Como já referi algures, foi selecionado um método de análise mista, sendo maioritariamente qualitativa, para que pudesse colher frutos, desta investigação. Para além de me servir de outras estratégias de recolha de dados, também mencionadas anteriormente.

Tendo em linha de conta a opinião de (Bogdan & Biklen, 1994: 149), os dados obtidos através da análise qualitativa são simultaneamente as provas e as pistas. Redigidos cuidadosamente, servem como factos inegáveis que protegem a escrita que possa ser feita de uma especulação não fundamentada.

Deste modo, numa primeira fase houve a necessidade de recorrer à recolha de informação sobre os conhecimentos das crianças, bem como os registos, para se poder obter conclusões. Posteriormente foram utilizados os registos fotográficos e gravações áudio para colmatar possíveis falhas e assim, captar todos os pormenores que se tornam importantes.

Processo de triangulação de dados

O processo de triangulação de dados é uma estratégia que serve sem dúvida para sustentar a validade e confiabilidade de toda a pesquisa realizada. Na realidade, parece demasiado simplista pensar que dados gerados por diferentes métodos podem ser agregados para produzir uma visão unitária que se assume como “a verdade”.

Assim, ao cruzar os dados e informações recolhidas através das técnicas utilizadas, procedeu-se à triangulação dos dados, procurando contudo, sustentar as minhas opiniões, nas de alguns autores citados ao longo da fundamentação teórica. De acordo com Pacheco, é essencial que todos os participantes façam a sua auto-avaliação porque *“a compreensão e inteligibilidade da performance de um professor só é possível através do acesso ao seu pensamento através de uma deliberada auto-análise crítica”* (cit in ARAÚJO, 2006: 74)

As tarefas

Para que este estudo fosse realizado, foram planificadas seis tarefas, que se centraram sobretudo no objetivo de promover a transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo.

De tal modo, para organizar todo o processo de implementação de tarefas, bem como os respetivos objetivos, foi delineada a seguinte ordem de trabalhos:

Tabela 2- Planificação das tarefas de investigação

Tarefas	Data de implementação	Objetivo
Observação de lenços bordados.	30 de Novembro de 2011	Introduzir a temática do estudo. Recolher informação sobre o conhecimento das crianças, acerca dos bordados, enquanto tradição de Viana do Castelo.
Elaboração de desenhos representativos dos bordados de Viana do Castelo.	30 de Novembro de 2011	Representar o bordado observado.
Questionário aos encarregados de Educação	6 de Dezembro de 2011	Perceber a que nível se encontra a transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo.
Visita “ uma avó vem ao jardim de infância bordar”	28 de Dezembro de 2011	Observar o processo de bordar, desde a fase inicial até à sua conclusão. Isto para que as crianças percebam todo o processo que engloba um bordado. Promover as trocas tradicionais entre gerações.
“Mãos pequeninas que fazem coisas grandes”- Atividade em família.	De 28 de Dezembro de 2011 a 4 de Janeiro de 2012	Despertar nas crianças o gosto pela arte de bordar. Incutir-lhes a curiosidade para mais tarde se envolverem verdadeiramente na arte.

As tarefas foram implementadas durante um período de, aproximadamente, dois meses, tendo o cuidado de cumprir sempre as planificações que estavam delineadas. Cada uma das sessões que ocorreu em ambiente de sala de aula foi gravada e foram também redigidas notas de campo, durante e após as implementações / observações que posteriormente foram analisadas.

Análise de dados

A análise de dados tem sido, desde há muitos séculos, um instrumento essencial à compreensão do mundo que nos rodeia. Na verdade, são poucas as áreas do saber onde não se recorre à análise de dados para confirmar teorias e propor novas interpretações para os fenómenos que são objetos de estudo.

Na continuação deste estudo serão apresentados os dados que emergiram da recolha, através dos diferentes instrumentos, de onde resultaram algumas análises.

Plano de Ação

Tabela 3 – Calendarização do estudo

outubro a novembro Preparação do Estudo	Definição dos objetivos do estudo Recolha bibliográfica Pedido de autorização aos Encarregados de Educação Seleção das tarefas e da ordem de implementação Planificação das tarefas
novembro a janeiro Implementação das tarefas	Implementação das tarefas Gravação das sessões Visualização das gravações Análise de documentos Realização de entrevista
janeiro a maio Redação do relatório	Continuação da análise de dados Revisão final de literatura Redação do relatório relativo ao trabalho efectuado

CAPÍTULO VI – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste mesmo capítulo irei descrever e expor os resultados obtidos neste estudo de investigação, com base nas cinco atividades implementadas durante a prática pedagógica. Descrevendo um pouco os comportamentos e participação das crianças no desenvolvimento das atividades. Pretendo ainda exibir algumas imagens, que de certo modo enfatizam as palavras escritas.

Atividade 1- Observação de bordados

Data: 30 de novembro de 2011

Objetivo específico: Introduzir a temática do estudo. Recolher informação sobre o conhecimento das crianças, acerca dos bordados, enquanto tradição de Viana do Castelo.

Recursos

- Bordados recolhidos no contexto

Estratégias

- Diálogo com as crianças
- Exposição de alguns exemplos de bordados

Avaliação

- Conhecimentos prévios sobre a arte de bordar
- Identificação dos bordados enquanto tradição do meio local
- Associação entre a arte e alguns elementos da família ou comunidade envolvente

Atividades

- Diálogo com o grupo sobre o tema “tradições”, o que são e as que conhecem.
- Observação dos bordados e respectivos comentários sobre os mesmos.

Descrição da atividade

Para organização desta atividade foi pedido apoio à auxiliar de ação educativa, uma vez que esta reside no local de intervenção e poderia dar bastante apoio no que diz respeito à recolha de bordados do meio envolvente. Assim aconteceu, a senhora disponibilizou-se de bom grado para me prestar apoio no que fosse necessário, uma vez que ela tinha mais conhecimento sobre o meio envolvente e também sobre o tema, pois esta também ocupa parte dos seus tempos livres com os tradicionais bordados de Viana.

Uma vez recolhidos cinco exemplos de bordados, pensei que já seria suficiente para avançar com a atividade.

A implementação da atividade iniciou-se com um diálogo com o grupo, em que foram colocadas algumas questões de partida: *O que são tradições? Conhecem algumas tradições?*

À partida as respostas não foram muito visíveis nem tão pouco imediatas como costumavam ser. Pois sabemos que as crianças têm uma enorme tendência para responder de imediato a qualquer questão, mas aqui notou-se uma certa atenção e pensamento. Pensamos que tal tenha sucedido pelo facto de nunca terem ouvido falar no termo tradição. Continuando a estimular a sua participação, para logicamente obter respostas, voltei a colocar as questões acima referidas a quando de repente ouvi: *“As tradições de Natal”* (criança H). A partir daqui começaram-se a ouvir mais respostas, como: *“tradições de família”, “tradições de verão”, “tradições de inverno”*. Foi então que senti que os alunos, apesar de terem algumas ideias genéricas de conceitos aos quais associavam tradições, não estavam muito esclarecidos sobre o assunto e decidi explicar de uma modo muito ligeiro o que era uma tradição, dizendo que eram coisas que as pessoas faziam e gostavam de ensinar a outras e que normalmente essas pessoas eram mais novas, como por exemplo os avós ensinarem aos netos, ou os pais ensinarem aos filhos. Normalmente eram práticas ou saberes transmitidos de geração em geração.

De modo a atingir o objetivo pretendido que era falar sobre os bordados, comecei por perguntar se sabiam onde viviam, em que pude ouvir respostas positivas, dizendo o nome da freguesia em questão. Foi então que coloquei a seguinte questão: *conhecem algumas tradições da vossa terra?* Como as respostas não se ouviam, decidi mostrar um pano bordado (fig. 1).



Figura 1- Pano com bordado de Viana fornecido pela D. Cidália, bordadeira.

Foi então que ouvi de imediato: *“A minha avó é costureira”* (criança H). Notei que a criança não indicou o termo de maneira exata, pois provavelmente queria dizer que a avó era bordadeira, mas talvez por desconhecimento do termo disse costureira. No momento em que mostrei o pano, senti que as coisas começaram a fazer algum sentido para ela e percebi que reconheceu de imediato o que se falava, ajudando assim a interpretação dos restantes elementos do grupo. A maioria das crianças nem sequer se pronunciava, o que sinceramente me deixou um pouco preocupada ao início.

Logo após esta intervenção da (criança H), foram ouvidas outras respostas como: *“isso serve para pôr na sala”* (criança E). Ao que eu respondi: *“sim, tens razão porque muitos destes panos são utilizados para decoração”*.

Seguidamente expôs outros exemplos de bordados, (fig. 2, 3, 4 e 5), o que gerou mais interação entre as crianças e mesmo no que diz respeito ao despertar da atividade. Quando todos os bordados se encontravam distribuídos pela mesa de trabalho ouviam-se comentários como:

(Criança B) - *“Ai este aqui é muito giro”*



Figura 2- Pano com bordado de Viana



Figura 3- Saco do pão bordado



Figura 4- Lenço “de namorar ” (de acordo com a tradição vianense)



Figura 5- Pano com bordado de Viana

(Criança H) - *“Eu gosto desta cor...”*

(Criança I) – *“Eu gosto mais deste...”*

(Criança D) – *“Eu gosto de todos...”*

Aqui, as crianças começaram a expor os seus gostos e também a estimular o seu sentido crítico sobre o que observavam.

Após este momento mais livre, dei oportunidade às crianças para tocarem nos panos e observarem tudo à sua maneira. De seguida, coloquei a seguinte questão: *O que estão a ver de diferente nestes panos?*

Ao que grande maioria respondeu: *“Desenhos”*. Aproveitando a resposta obtida, acrescentei: *“Mas que desenhos? São desenhos iguais aos que nós fazemos? Será que foram feitos com marcadores? Quando foi imediata uma resposta por parte da (criança D) – “são desenhos com linhas.” Seguidamente a (criança H) decidiu acrescentar: “com linhas e uma agulha”*. Com estas respostas foi possível perceber que já existia por parte de algumas crianças um conhecimento mínimo sobre o tema, embora não expressassem muito conhecimento num primeiro momento (estavam provavelmente inseguras ou receosas de responder de forma incorreta), comecei a perceber que estavam minimamente familiarizados com os bordados.

Posto isto, as crianças, espontaneamente, começaram a descrever o que visualizavam nos bordados, sem que eu indicasse nada, começaram-se a ouvir comentários como:

(Criança K) – *“Este pano tem um coração”*

(Criança M) – *“Este tem letras”*

Tomei isto como positivo, deixando que todos se pronunciassem, pois como sabemos todos gostam de participar, então sem que deixasse desviar a atividade do pretendido dei oportunidade para que todos falassem sobre o que observavam, aproveitando para tirar algumas notas.

Mas como as crianças ainda não tinham chegado ao termo *“bordar”*, ou *“bordado”*, decidi estimulá-las mais um pouco, dizendo: *“Há bocado alguém falou em fazer desenhos com linhas e uma agulha. Alguém sabe o que é isso? Eu acho que não é desenhar que se diz...”*

(Criança H) – *“É coser”*.

Incentivando a criança que deu a resposta eu disse: *“É parecido com coser, mas ainda não é esse nome que se chama ao que está feito nestes panos...”*

Após alguns momentos que disponibilizei para ver se as crianças atingiam a resposta, senti que realmente estavam muito longe de a alcançarem pelo que fiz o seguinte comentário: *“Vocês nunca ouviram dizer que a vossa freguesia, o local onde vocês moram, é conhecida como a terra dos bordados?”*

Todos: *“Não”*.

(Criança C) – *“Mas o que é que são bordados?”*.

Algumas crianças: *“É isto que estamos a ver”*.

Então coloquei a seguinte questão: *“Então o que são bordados?”*

(Criança H) – *“são panos com desenhos feitos com linhas e uma agulha”*.

(Criança K) – *“Ah, a minha mãe sabe fazer”*

(Criança E) – *“A minha mãe e a minha avó sabem bordar”*

(Criança D) – *“A minha avó Maria também sabe”*

Estagiária- *“Pois, aqui na vossa terra, muita gente sabe bordar. Muitas pessoas ocupam o seu tempo a fazer bordados”*.

Estagiária- *“Algum de vocês sabe bordar, ou já pediram a alguém para vos ensinar?”*

(Criança H) – *“Eu sei fazer, mas a minha avó é que me risca o pano”*.

Após esta resposta da criança foi necessário parar um pouco para explicar o que disse, pois ela usou o termo “riscar”. Sinceramente, por alguns segundos, fiquei a pensar o que queria ela dizer. Porém, ela conseguiu explicar que era a avó que lhe fazia o desenho e depois ela fazia com a linha e a agulha. Assim, importa dizer que considerei oportuna esta situação para o desenvolvimento da investigação e perguntei à criança se podia trazer algum bordado que já tivesse feito. Esta muito preocupada respondeu que trazia, mas que ainda tinha que o acabar. Ao que respondi: *“não faz mal, podes trazer assim como está. É só para mostrares aos colegas e juntá-lo aqui a estes que já temos.”*

Devo dizer que considerei bastante oportuna esta intervenção da criança, a qual olhei como um aspeto positivo para a minha investigação. Senti que talvez estivessem ali os primeiros sinais de transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo, uma vez que a própria criança participa na execução de bordados,

embora pouco elaborados, mas é assim que tudo nasce, é destes pequenos passos que as crianças poderão despertar a sua curiosidade e interesse pela arte de bordar e dar continuidade a esta tão nobre tradição. Contudo importa referir, que esta criança despertou, nos seus colegas, o interesse e a curiosidade pelo tema que eu, enquanto estagiária-investigadora estava a abordar.

No dia seguinte a criança trouxe o pano bordado, o qual representava muito para ela. Pois ela estava sempre preocupada com ele, dizendo que não o podia perder. Era visível o valor e significado que o trabalho tinha para a criança. (fig. 6)



Figura 6- Pano bordado pela criança H.

As outras crianças, ao verem o trabalho da sua colega, ficaram admiradas e valorizaram-no bastante. Durante a visualização, ouviram-se comentários, como:

(Criança E) – *“Está muito giro, também vou aprender a fazer”*.

(Criança H) – *“Mas ainda não está acabado, depois vai ficar melhor”*.

(Criança D) – *“Foi a tua avó que te ensinou a fazer isso?”*.

Terminada esta interação entre as crianças e os bordados, dei como terminada a atividade, passando para a segunda atividade.

Atividade 2- Elaboração de desenhos representativos dos bordados de Viana do Castelo.

Data:30 de novembro de 2011

Objetivo específico: Representar o bordado observado.

Recursos

- Bordados recolhidos no contexto

Estratégias

- Diálogo com as crianças
- Visualização de alguns exemplos de bordados
- Desenho em folhas de papel

Avaliação

- Identificação de motivos representados nos bordados
- Representação gráfica do observado

Atividades

- Elaboração de desenhos representativos dos bordados de Viana do Castelo.

Descrição da atividade

Para desenvolver a presente atividade, foram utilizados os mesmos bordados observados, pelas crianças, na atividade anterior. Assim, estes foram colocados sobre a mesa de grande grupo e foram distribuídos a cada criança, uma folha de papel (25x25cm) e um lápis de carvão, para melhor representar a realidade da arte de bordar.

Portanto, como aprenderam que antes de bordar é necessário fazer um desenho no pano, designado pelo termo “riscar”, como ouvimos anteriormente, as crianças também riscaram o desenho que *“um dia gostariam de bordar”*, (comentário de algumas crianças).

Assim, foi dada indicação do trabalho a realizar, para o qual as crianças estavam ansiosas. Pois talvez por verem um tipo de papel diferente do que

costumam utilizar, pois era papel reciclado e com uma gramagem superior, às folhas que normalmente usam para desenhar. E também pela forma quadrada que estas tinham, como referi anteriormente a sua medida.

Esta foi uma atividade relativamente curta e com bastante empenho por parte das crianças.

Seguidamente são apresentados os desenhos elaborados pelas crianças. Como será possível de observar, só serão apresentados onze exemplos, uma vez que três dos participantes não estavam presentes. (fig. 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17).

Considero importante referir, que esta atividade despertou em algumas crianças bastante interesse, uma vez que estas traziam para a escola desenhos elaborados em casa, com base na representação dos bordados. Oferecendo-os às estagiárias com grande carinho e consideração. (Anexo III)



Figura 7- Desenho da criança A

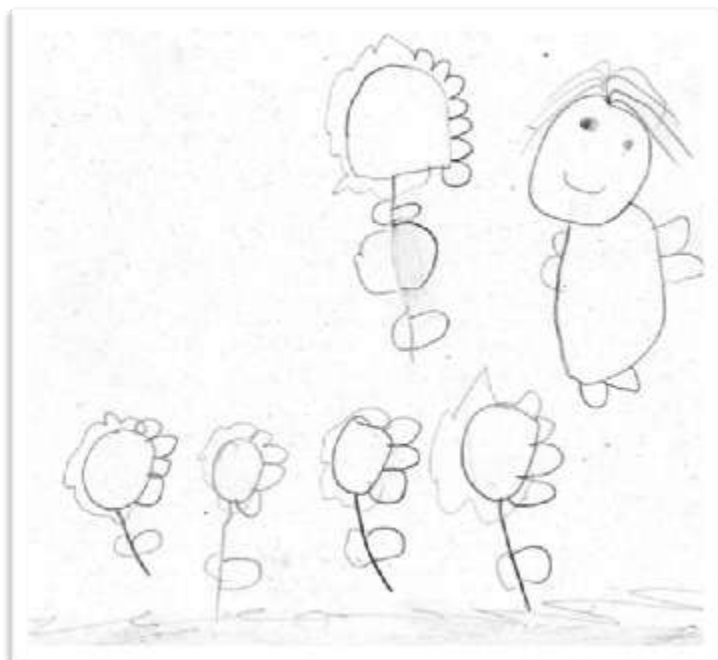


Figura 8- Desenho da criança B



Figura 9- Desenho da criança C

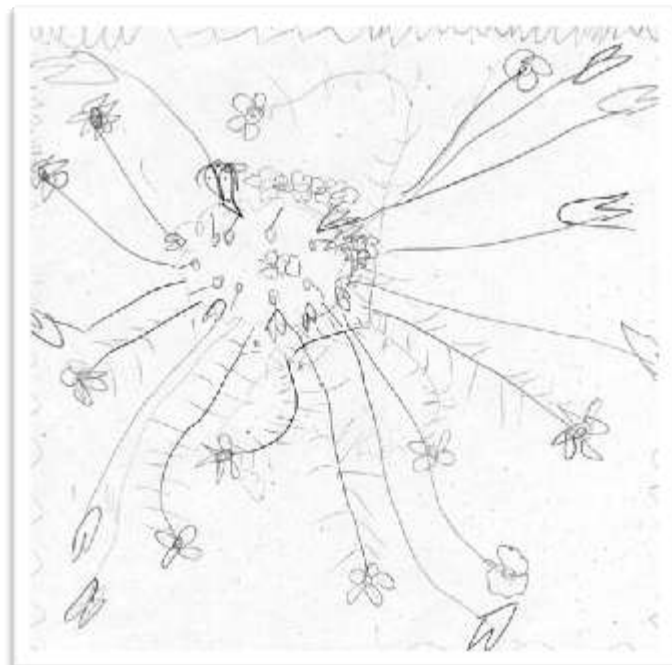


Figura 10- Desenho da criança D

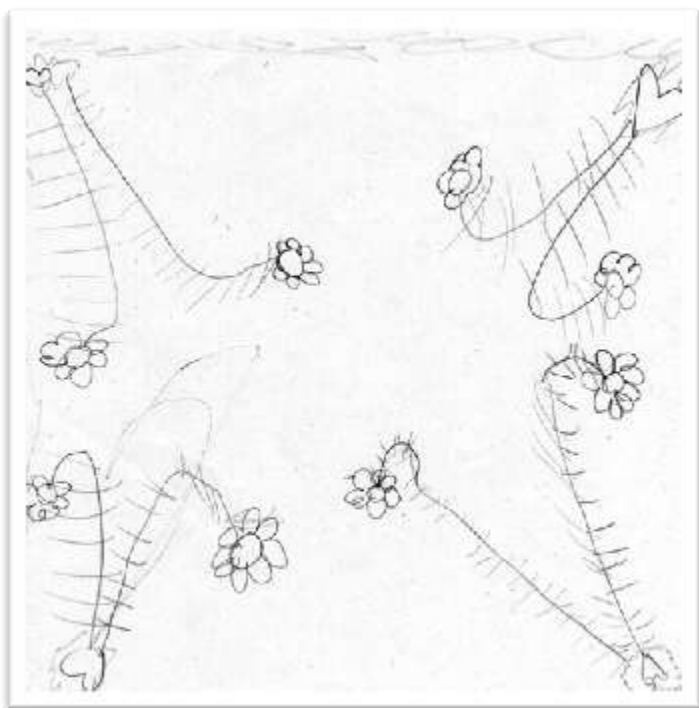


Figura 11- Desenho da criança E

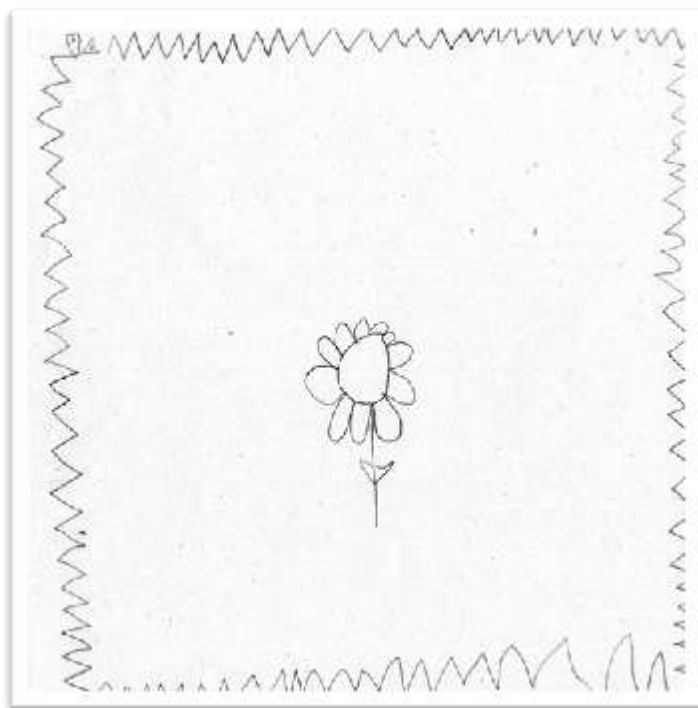


Figura 12- Desenho da criança H



Figura 13- Desenho da criança I



Figura 14- Desenho da criança J

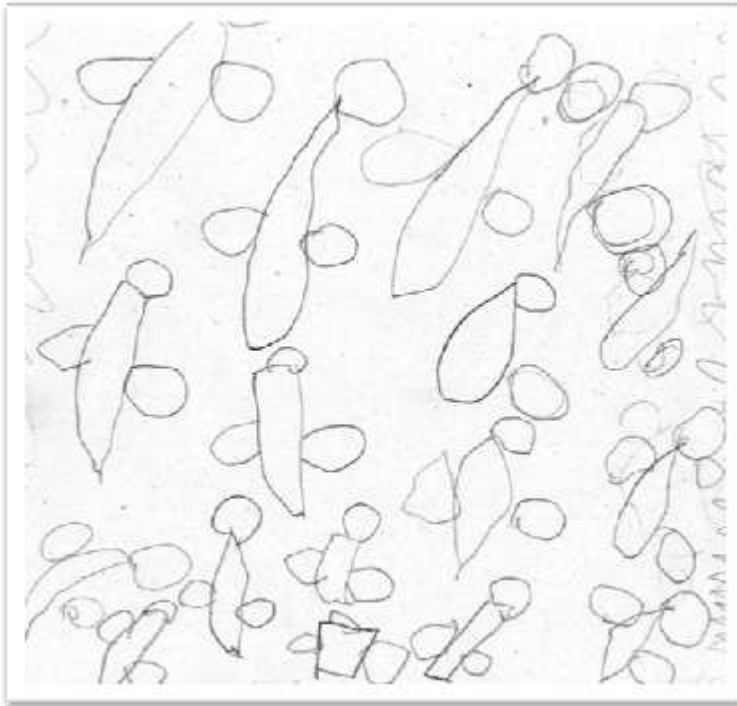


Figura 15- Desenho da criança K



Figura 16- Desenho da criança M

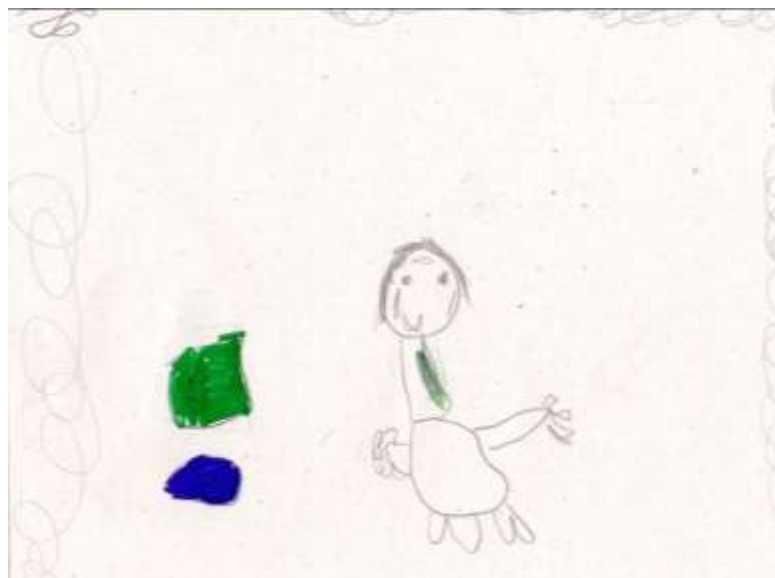


Figura 17- Desenho da criança N

Através destas elaborações das crianças podemos observar que algumas atingiram o objetivo na sua globalidade, enquanto outros foram influenciados pelos desenhos habituais, onde se verifica a presença da figura humana. Para além deste

pormenor, ainda se verifica outro, que foi o facto de alguns pegarem em marcadores para colorirem o desenho, uma vez que é comum nos seus trabalhos do dia-a-dia. Aqui, considere as duas possibilidades, o facto de as crianças colorirem o desenho por ser comum fazê-lo em outros desenhos, ou então pelo facto de transmitirem algum conhecimento, talvez por já terem visto bordados e associarem as cores que estes apresentam.

No geral, concluiu-se que grande maioria alcançou o objetivo por mim delineado com a atividade, que era de facto representarem um modelo de um bordado. Algumas crianças representaram na totalidade o que tinham observado nos bordados expostos, outras deram largas à sua imaginação, o que também enriqueceu a atividade.

Atividade 3- Questionário aos Encarregados de Educação

Data: 6 de dezembro de 2011

Objetivo específico: Perceber a que nível se encontra a transmissão intergeracional dos bordados de Viana do Castelo

Recursos

- Questionário aos Encarregados de Educação (Anexo IV)

Estratégias

- Questionário
- Interpretação dos dados

Descrição da atividade

Esta atividade foi desenvolvida, com o objetivo de conhecer em que nível se encontra a transmissão dos bordados, ou seja, recolher informação sobre os familiares que sabem bordar, se já ensinaram a alguém e inclusive se o educando, que neste caso é participante da investigação, sabe bordar.

Assim, após recolha dos inquéritos verificaram-se os seguintes dados, que estão representados nos gráficos abaixo. (Gráficos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11).

Importa referir que dos 14 participantes, apenas 11 entregaram os inquéritos, pelo que na seguinte análise dos dados a população é somente de 11 crianças que corresponde aos 100% do universo de participantes no inquérito.



Figura 18 - Percentagem de avós maternas que sabem bordar.



Figura 19 - Percentagem de avós maternos que sabem bordar.



Figura 20 - Percentagem de avós paternas que sabem bordar.



Figura 21- Percentagem de avôs paternos que sabem bordar.



Figura 22- Percentagem de mães que sabem bordar.



Figura 23- Percentagem de pais que sabem bordar.

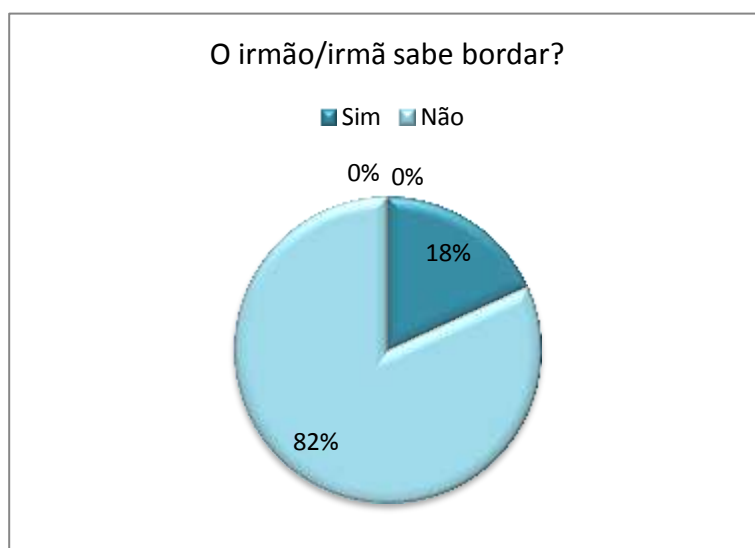


Figura 24- Percentagem de irmãos/ irmãs que sabem bordar.

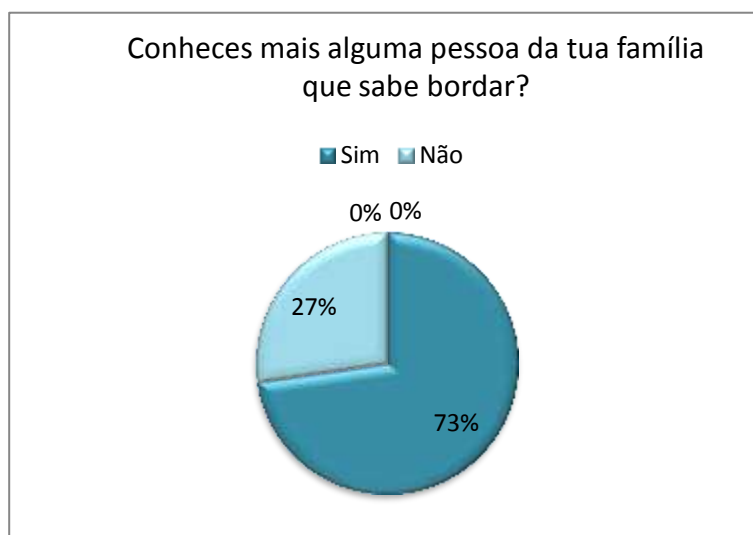


Figura 25- Percentagem de familiares que sabem bordar.

Dos elementos da família acima referidos,
existe algum que já transmitiu a arte de
bordar para as gerações mais novas?

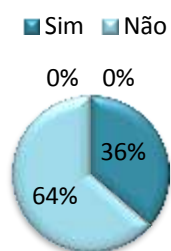


Figura 26- Percentagem de familiares que transmitiram a arte de bordar.

A quem?

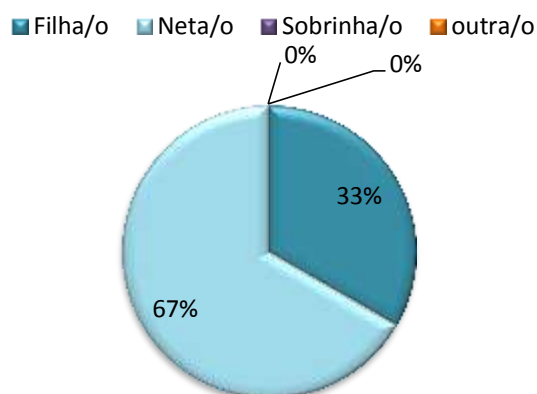


Figura 27- Percentagem de elementos a quem foi transmitida a arte de bordar.

O seu educando sabe bordar?

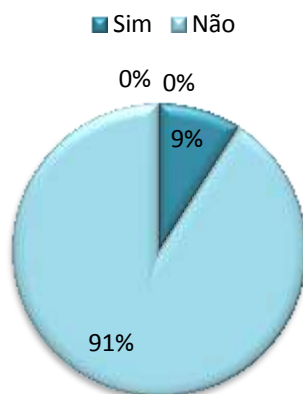


Figura 28- Percentagem educandos que sabem bordar.

Após analisar os gráficos acima apresentados foi possível constatar que o sexo predominante nesta arte é realmente o sexo feminino. Como podemos ver nas figuras 18, 20 e 22. Pelo que à pergunta 1: *“Avó materna sabe bordar?”* se obteve uma percentagem de 55% para o sim e 45% para o não. Na pergunta 3: *“Avó paterna sabe bordar?”* obteve-se um total de 64% para o sim e 36% para o não. Na pergunta 5: *“A mãe sabe bordar?”* os resultados foram de 45 % para o sim e 55% para o não.

Pelo contrário as figuras 19, 21 e 23 comprovam que o sexo masculino não se dedica realmente à arte de bordar. Na revisão de literatura já tínhamos verificado que este ofício, na sua larga tradição histórica, foi sempre desempenhado, quase em exclusividade, pelas raparigas e mulheres desta região do concelho de Viana do Castelo.

Na questão 7: *“O irmão/irmã sabe bordar?”* os resultados foram de 18% para o sim e 82% para o não. Na questão 8: *“Conheces mais alguém que sabe bordar?”*, 73% responderam sim e 27% responderam não. À questão 9: *“Dos elementos da família acima referidos, existe algum que já transmitiu a arte de bordar para as gerações mais novas?”*, 36% responderam sim e 64% responderam não. Na alínea complementar, quando se pergunta *“A quem?”*, 33% indicam as filhas e 67% as netas. A 11ª e última questão: *“O seu educando sabe bordar?”*, é apresentado um total de 9% para o sim e 91% para o não.

Com isto, concluo que a transmissão da arte de bordar nesta freguesia, onde foi realizada a investigação, se encontra num nível bastante aceitável pelo que ditam os dados recolhidos destes inquéritos, o que representa uma vontade das famílias em não deixarem esquecer esta tradição fortemente identitária, da localidade no quadro do concelho de Viana do Castelo.

Atividade 4- Visita “uma avó vem ao jardim de infância bordar”

Data: 28 de dezembro de 2011

Objetivo específico: Observar o processo de bordar, desde a fase inicial até à sua conclusão. Isto para que as crianças perceberem todo o processo que engloba um bordado.

Promover as trocas tradicionais entre gerações.

Recursos

- D. Olívia - Bordadeira

Estratégias

- Presentear a execução de um bordado
- Colocar questões livres à bordadeira

Atividades

- Visualizar todo o processo implícito na execução de um bordado

Descrição da atividade

Para a concretização desta atividade foi fundamental a presença e disponibilidade da D. Olívia, uma bordadeira e também avó de uma das crianças participantes.

Assim, a D. Olívia esteve com as crianças aproximadamente 30 minutos. Durante este período de tempo, ela teve o cuidado de mostrar um pouco de tudo o que sabia fazer para executar um bordado. Então começou por explicar e demonstrar como se faz o desenho no tecido, o que algumas crianças chamavam de “riscar”. (Fig.29)



Figura 29- Desenho no tecido

Enquanto desenhava, as crianças estavam muito curiosas pois a D. Olívia estava a utilizar o papel químico para facilitar o desenho e assim ficar carimbado do

outro lado do tecido para que o desenho ficasse simétrico. Em determinado momento ouviram-se os seguintes comentários:

Criança K - *“ uau! Ficou um coração. E até parece o coração de Viana”*

Criança C- *“ isto é que vai ser fixe!”*

Criança K- *“ depois você vai coser?”*

D. Olívia - *“Sim. Vou começar pelo cordão.”*

Criança K - *“ cordão?”*

D. Olívia- *“Sim, esse é o ponto mais fácil de fazer.”*

Criança C - *“ e vai bordar?”*

D. Olívia - *“Sim.”*

Criança C - *“ vai ser mesmo divertido.”*

Quando terminado o desenho no tecido a D. Olívia pegou nas linhas, que colocou ao pescoço, e na agulha. (Fig.30)



Figura 30- Primeiros pontos do bordado

As crianças ficaram admiradas com o que estavam a ver e não paravam de fazer comentários e perguntas, o que tornou rico este momento dedicado à troca de saberes. Então enquanto a D. Olívia bordava, conversava com as crianças sobre o que estava a fazer. Ia dizendo os tipos de pontos que estava a produzir, como se faziam e como eram chamados. Alguns dos nomes dos pontos eram estranhos, como por exemplo: “dentes”, aos quais as crianças achavam imensa piada e era notório, o interesse das crianças em assistirem à elaboração do bordado para que pudessem ver tudo o que a D. Olívia fazia e explicava.

Conversa durante a execução do bordado:

Criança M- *“ ui... tantas linhas”*

Criança K- *“ é linha azul, linha branca e linha vermelha.”*

D. Olívia - *“O cordão vamos fazer de azul.”*

Criança C- *“ Eu não tenho jeito para estas coisas.”*

D. Olívia - *“Sabem meninos, aqui na nossa terra, quase todas as mulheres sabem bordar.”*

Criança K- *“ Pois, a minha avó Amélia também sabia mas agora está velhinha...”*

D. Olívia - *“Olhem o coração vai ser vermelho, e estas folhinhas vão ser branquinhas.”*

Criança N- *“ Olhem que lindo que está a ficar...”*

D. Olívia - *“Agora vou acabar de bordar estas florzinhas.”*

Foi sem dúvida um momento bastante interessante e enriquecedor para todos. Pois é “vendo que se aprende”. Apesar de esta experiência não ser suficiente para que as crianças aprendessem a bordar, já foi um passo para despertar o interesse delas pela atividade de bordar.

Uma vez que este é um processo demorado, pois não é em poucos minutos que se conclui um bordado, para mais da dimensão deste que a D. Olívia estava a bordar, foi dada liberdade às crianças para colocarem questões, enquanto a bordadeira executava os últimos pontos. (Fig.31)



Figura 31- Execução do Bordado / Questionário

Assim, ordenadamente surgiram as seguintes questões:

Criança E – *“Quantos anos tem?”*.

D. Olívia - *“Já estou velhota. Tenho 63 anos. ”*

Criança K – *“Sabe bordar camisas?”*

D. Olívia - *“Também sei. Sabes que é quase sempre igual, logo que se saiba bordar, borda-se qualquer tecido ”*

Criança C – *“Há quantos anos já sabe bordar?”*

D. Olívia - *“ui... para aí há 55...”*

Criança J – *“Com quantos anos aprendeu a bordar?”*

D. Olívia - *“Tinha 7 ou 8 anos quando aprendi. ”*

Criança E – *“Com quem aprendeu a bordar?”*

D. Olívia - *“Foi a minha mãe que me ensinou. ”*

Criança L – *“Já ensinou alguém a bordar?”*

D. Olívia - *“Sim, muita gente. As minhas irmãs mais novas, a minha filha e agora estou a ensinar as minhas netas. ”. “Sabem, eu tenho 10 irmãos, 7 são raparigas e 3 são rapazes e as raparigas todas sabem bordar.”*

Criança B – *“E os rapazes?”*

D. Olívia - *“Os rapazes não sabem. ”*

Finalizada a atividade de bordar, a D. Olívia fez questão de mostrar uma toalha de mesa que ela própria bordou. As crianças ficaram impressionadas com as dimensões da toalha e fizeram questão de se aproximarem dela, tocar-lhe e dizer à D. Olívia que estava muito bonita. (Fig.32)



Figura 32- Exposição da toalha de mesa

Atividade 5- “Mãos pequeninas que fazem coisas grandes”

Data: 28 de dezembro de 2011 a 4 de janeiro de 2012

Objetivo específico: Despertar nas crianças o gosto pela arte de bordar. Incutir-lhes a curiosidade para mais tarde se envolverem verdadeiramente na arte.

Recursos

- Contexto familiar

Estratégias

- Fornecimento de um tecido igual a cada criança
- Orientação da atividade para desenvolverem em contexto familiar
- Realização nas férias de natal

Avaliação

- Transmissão

Atividades

- Executar um bordado

Descrição da atividade

Com esta atividade e sendo ela a última, pretendia-se que de um modo geral as crianças realizassem um trabalho que correspondesse a tudo o que temos vindo a falar até aqui sobre os bordados de Viana do Castelo.

Logo, surgiu a ideia de pôr as crianças a lidar diretamente com a arte de bordar. Ao início pensei na hipótese de as crianças bordarem no jardim de infância, mas devido à utilização de agulhas, pensei que seria melhor não arriscar, devido às situações indesejáveis que poderiam ocorrer. Pois, como sabemos é um utensílio que requer cuidado e responsabilidade. E orientar 14 crianças, com uma agulha nas mãos seria um grande risco para todos.

Assim, preferi não entrar em aventuras e foi aí que surgiu a ideia de envolver a família nesta atividade, pois faria todo o sentido uma vez que estamos a falar em transmissão intergeracional.

Redigi um documento onde explicava tudo o que se pretendia, para que os pais percebessem a atividade e a sua importância. (Anexo V) Juntamente com o documento ia o tecido, que decidi facultar a cada criança, para que todos fizessem

um trabalho com as mesmas dimensões, pois se deixasse esse ponto ao critério deles iriam resultar trabalhos muito díspares, como mesmo assim aconteceu relativamente ao empenho e dedicação. Para além disso, anexeí também um documento onde as crianças fizeram um pequeno registo sobre o bordado realizado com a família. (Anexo VI)

Expondo um pouco dos meus sentimentos relativos a esta atividade, tenho que admitir que a determinado momento vi a atividade perdida e sem adesão por parte de alguns familiares, mas com esforço e algumas conversas com alguns pais consegui que estes se direccionassem para o meu pedido. Neste momento posso dizer que foi com enorme satisfação, que no final da primeira semana de janeiro recolhi quase todos os trabalhos elaborados pelas crianças e seus familiares. Apenas três crianças não entregaram no prazo estabelecido, duas dessas entregaram depois mas a outra acabou por nunca entregar, ou seja, não realizou a atividade daí o motivo de eu só apresentar treze trabalhos. (Fig.33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45).

Tenho plena consciência de que alguns destes trabalhos tiveram real envolvimento das crianças enquanto outros não, como é possível verificar através da qualidade e perfeição de alguns bordados. Mas não ponho isso como problema, pois o pretendido era a atividade em família como meio de transmissão da arte de bordar, o que considero que direta ou indiretamente aconteceu. Uns mais profundamente que outros mas pelo menos tiveram contacto com os bordados e sua arte.



Figura 33- Bordado e registo da criança A



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: Uma flor

Quem apoiou na realização do bordado: Mãe e irmã

Gostaram de realizar a actividade? sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? sim Porque? são actividades importantes e divertidas

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)





ADOREI

GOSTEI MAIS OU MENOS

NÃO GOSTEI

Figura 34- Bordado e registo da criança B



Figura 35- Bordado da criança C



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: Uma estrela

Quem apoiou na realização do bordado: A mãe

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque? porque não se deixa esquecer as tradições da região

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)

☒ **ADOREI**
☐ **GOSTEI MAIS OU MENOS**
☐ **NÃO GOSTEI**

Figura 36- Bordado e registo da criança D



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: _____

Quem apoiou na realização do bordado: Mãe e avó

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque? Para que possam aprender as tradições

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)

☒ **ADOREI**
☐ **GOSTEI MAIS OU MENOS**
☐ **NÃO GOSTEI**

Figura 37- Bordado e registo da criança E



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: Flo

Quem apoiou na realização do bordado: Avó

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque? Da a conhecer a tradição

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)

☒ **ADOREI**
☐ **GOSTEI MAIS OU MENOS**
☐ **NÃO GOSTEI**

Figura 38- Bordado e registo da criança F



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: Coração

Quem apoiou na realização do bordado: Avó materna

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque?

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)

☒ **ADOREI**
☐ **GOSTEI MAIS OU MENOS**
☐ **NÃO GOSTEI**

Figura 39- Bordado e registo da criança G



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: Flor

Quem apoiou na realização do bordado: Avó materna

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque? Permite a transmissão de conhecimentos

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)

☒ **ADOREI**
☐ **GOSTEI MAIS OU MENOS**
☐ **NÃO GOSTEI**

Figura 40- Bordado e registo da criança H



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: Quilho o meu filho gostou muito da flor que ele fez

Quem apoiou na realização do bordado: Não

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque? para as encorajarem a fazer coisas diferentes

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)

☒ **ADOREI**
☐ **GOSTEI MAIS OU MENOS**
☐ **NÃO GOSTEI**

Figura 41- Bordado e registo da criança I



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: D. João e uma flor

Quem apoiou na realização do bordado: Avó

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque? Introdução à noção de preservação das tradições.

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)


		
GOSTEI	GOSTEI MAIS OU MENOS	NÃO GOSTEI

Figura 42- Bordado da criança J



Figura 43- Bordado da criança K



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: Flor

Quem apoiou na realização do bordado: Mãe

Gostaram de realizar a actividade? Sim

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? Sim Porque?

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)

☒ ADOREI ☐ GOSTEI MAIS OU MENOS ☐ NÃO GOSTEI

Figura 44- Bordado e registo da criança L



Figura 45- Bordado da criança N

CAPÍTULO VII- CONCLUSÕES

No final deste percurso dedicado à investigação sobre a transmissão intergeracional do bordado de Viana do Castelo, é chegado o momento dedicado às conclusões e reflexões que podemos obter, tendo por base o trabalho desenvolvido.

Ao realizar esta investigação, tentei entender se existe transmissão intergeracional e como esta se processa, tendo plena consciência de que é importante cuidar das memórias de um povo. Assim, com esta investigação pretendi dinamizar um pouco das memórias, que com certeza estão a ser esquecidas ou até mesmo desvalorizadas, não lhes sendo dada a importância que estas merecem. Pois estas, certamente que perduram na memória das pessoas mais idosas que tiveram a oportunidade de experimentar as particularidades de algumas tradições da sua terra, neste caso especial, os Bordados de Viana do Castelo.

Foi, pois, a pensar nisso e indo à procura destas memórias através das gerações mais velhas, que pensei numa investigação que invadisse o espaço e a comunidade do meio envolvente, com a intenção de transmitir às gerações mais novas, para que o respeito pela nossa história não se perca, bem como todos aqueles saberes que foram tecidos ao longo dos tempos.

Porém, refiro com enorme prazer e satisfação, que as crianças se mostraram verdadeiramente ativas nesta investigação, sendo-lhes proposto que se disponibilizassem a ser sujeitos do estudo. Assim, o papel por elas desempenhado, tal como eu pretendia desde início, mostrou-me que este estudo “dependeu” das ações, vontades e também opiniões das crianças. Com isto, posso dizer que todas as crianças, para além de participantes deste estudo, são consideradas “investigadoras”, tanto por aquilo que juntamente comigo investigaram, como também naquilo que aprenderam através das suas interações. Como exemplo da atividade em que estivemos envolvidos com a Avó Olívia, que nos transmitiu conhecimentos diversos, sobre a execução dos bordados, para além do importantíssimo relacionamento entre crianças e adultos.

Embora consciente, de que quando se trata de investigar com crianças, e neste caso concreto de baixo nível etário, se manifestam diversas questões sobre isto, pois estas têm formas de comunicação e conhecimento do mundo muito distantes das dos adultos, mas talvez seja isto uma riqueza, pois devemos permitir que as crianças

“tenham voz e sejam ainda ouvidas”. Daqui nasceu a minha preocupação em envolver fortemente estas crianças com o meio que as acolhe e a comunidade com quem elas desenvolvem laços de afetividade, pois não é somente na escola que as crianças aprendem e adquirem conhecimento acerca do mundo que as rodeia. E como nos diz, (Fraulknner e Miell), *“as crianças trabalham melhor com quem lhes é mais familiar e ainda melhor quando fazem par com o seu melhor amigo e não tanto quando se trata de um simples conhecido”*. (cit in ARAÚJO, 2006:144).

A problemática que está subjacente a este trabalho de investigação, é sem dúvida um aspeto que me preocupa. Assim, a grande preocupação ao longo deste estudo foi sem dúvida a de investigar se existe transmissão intergeracional da tradição dos bordados de Viana do Castelo, e como se processa. Contudo, tive ainda curiosidade em saber se seria a família o elemento fundamental, para que acontecesse tal transmissão. No entanto considero ter dado resposta a esta problemática com que me deparei inicialmente. Para além disso, todas as atividades desenvolvidas durante este processo de investigação, foram pensadas e planeadas com atenção e empenho, para que tudo decorresse dentro do melhor, proporcionando às crianças momentos de aprendizagem e conhecimento mútuo.

É importante referir aquele que foi o meu papel durante este estudo, o de educadora- investigadora. Como é fácil de imaginar, este papel nem sempre foi fácil de desempenhar, pois ter que conciliar as duas ações, tornou-se um pouco difícil em certas situações, na medida em que era exigida concentração por parte da observação e não esquecendo que tinha de manter-me envolvida no processo, nunca esquecendo os objetivos do estudo. Da mesma forma que, gerir o tempo de implementação, gerir o grupo e atividade em si, também não foi propriamente fácil, o que exigiu bastante ritmo, responsabilidade e controlo próprio.

Contudo, sinto que esta investigação teve um certo impacto, tanto nas crianças, como na comunidade envolvente, constituindo assim uma oportunidade para proporcionar melhoria no contexto desta prática pedagógica. Percebi que, anteriormente a esta investigação, não havia um relacionamento muito forte entre escola-família, e que isto se devia a uma falha talvez por parte da escola, pois não havia uma lacuna a nível de comunicação por parte da educadora. Pois, tanto na receção como na entrega das crianças ao final do dia, não aconteciam momentos de

diálogo entre pais e educadora, ou até mesmo nós estagiárias e a própria auxiliar, os pais pareciam-me muito distantes da Educadora. O que para mim era um momento de desconforto, pois não era essa a ideia que eu tinha deste contacto entre os responsáveis pela educação das crianças.

Com isto, penso que a lacuna seria da responsabilidade da própria educadora, pois quando solicitei os pais para a participação neste estudo todos os familiares se mostraram bastante interessados e participativos. Mostrando uma certa admiração por tal acontecimento.

Para além destas melhorias no contexto onde decorreu a investigação, também senti melhorias em mim, enquanto futura profissional de educação, responsável por organizar, gerir, dinamizar e promover interações significativas para as crianças, à semelhança desta que ocorreu. Considero ainda importante esta investigação, na medida em que contribuiu para o aprofundamento dos meus conhecimentos e competências no âmbito da investigação-ação, que esteve centrada num tema da área do conhecimento do mundo, mais especificamente o meio social. Fico ainda satisfeita por ter desenvolvido um estudo que se debruçou numa das áreas conteúdo que era um pouco esquecida no contexto escolar em que me envolvi.

Independentemente, dos resultados obtidos, penso que este desafio proporcionado às crianças tenha sido válido, tendo em conta o contributo ofertado às crianças, ao nível da dinamização pelo interesse em cultivar as tradições, mais especificamente, manter viva a tradição dos bordados de Viana do Castelo.

Para além disso, foi minha preocupação que as crianças adquirissem conhecimento do seu meio envolvente, promovendo assim a importância de cultivar as tradições e para tal promover as trocas entre gerações.

Apesar de tudo, não considero este trabalho acabado, ou seja, muitas mais coisas poderiam ser desenvolvidas dentro deste âmbito, atrevo-me até a dizer, que se permanecesse neste contexto por mais tempo, talvez viesse a organizar um ateliê dedicado à arte de bordar. Para tal seria necessário ter a participação de pessoas do meio envolvente, que se disponibilizassem para apoiar e encaminhar as crianças, na execução de bordados, transmitindo-lhes os seus conhecimentos e práticas da arte de bordar.

Como futura educadora, tenho plena consciência da importância deste tema e da área de conteúdo onde ela é incluída, o que me deixa desconfortável quando penso que muitos profissionais não valorizam este tipo de atividades, não refletindo sobre a importância que tem a área do conhecimento do mundo no desenvolvimento e crescimento pessoal de qualquer criança em EPE.

CAPÍTULO VIII- REFLEXÃO GLOBAL DA PES I E DA PES II

"Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem".

(Carlos Drummond de Andrade)

Ao longo de dois semestres de Prática de Ensino Supervisionada I e Prática de Ensino Supervisionada II, muitas são as vivências e também experiências que poderia aqui relatar. Assim, ficarei apenas por mostrar um pouco daquilo que foram as minhas aprendizagens ao longo desta inesquecível experiência de prática pedagógica enquanto aluna de mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico. Farei questão de mencionar aqueles que aponto como pontos, positivos e negativos e que constituíram a minha prática enquanto aprendiz. Acrescento ainda, pois é importante que se perceba que esta prática se dividiu em dois semestres, uma vez que o primeiro foi dedicado à PESI, que teve como contexto o 1º ciclo, mais propriamente uma turma de 1º ano.



Figura 46- Aspeto de uma implementação no 1º ciclo do Ensino Básico

E no segundo semestre a PESII, dedicado ao contexto Pré- Escolar.



Figura 47- Aspeto de uma implementação na EPE.

Assim, tenho a dizer que foram dois semestres repletos de vivências que jamais serão esquecidas ou apagadas da minha memória. A oportunidade de poder deparar-me com a realidade que sempre desejei e sonhei e ao mesmo tempo estar a contribuir para a formação de crianças que nos recebem de braços abertos, cheios de alegria e confiança, significa de facto uma conquista. Estar numa viagem onde as crianças são também passageiros é de facto brilhante e agradável, é uma oportunidade única estar envolvida com aqueles seres que são, simplesmente, uma delícia.

Quero ainda dizer, que esta experiência proporcionada pela prática de ensino supervisionada permitiu-me refletir muito e muito, sobre o que é realmente ser Educador/ Professor. É sem dúvida, muito mais que uma pessoa que simplesmente ensina. Ser Educador/Professor é quase como “saber uma arte”, é um processo de constante formação, aprendizagem, planificação e afeto. Atrevo-me até a dizer que o Educador/Professor é um “aprendiz da matéria que ensina”, o ensino e a aprendizagem são dois conceitos que nunca se poderão separar, são como as faces de uma moeda, por mais que rodem e girem nunca se separarão.

Isto para dizer que, o Educador/Professor aprende a matéria de determinada unidade curricular para poder ensinar e assim, para que os alunos possam também aprender. Neste sentido, é necessário adequar estratégias a novas situações, estimular

os alunos a utilizarem procedimentos adequados a determinadas situações de resolução de problemas ou realização de tarefas.

Segundo Font, Monero,

“A formação do professor enquanto aprendiz estratégico da matéria que lecciona abrange um período mais alargado do que o da formação inicial, como profissional de ensino. O professor ao longo da formação contínua durante o exercício da sua actividade profissional, deverá continuar a ser um aprendiz estratégico da sua matéria, em função das necessidades de formação que lhe forem surgindo”. (Font, M., 2007: 73).

Pessoalmente, quando tive contacto com o 1º ciclo, pela primeira vez, questionei-me constantemente, senti muitas dúvidas, uma grande ansiedade.

Será que é isto que eu quero? Será que sou capaz de controlar/ensinar uma turma? Enfim, mesmo ansiedade e nervosismo. Quando chegou a oportunidade de contactar com a EPE, o à-vontade já era outro, já me sentia mais preparada e menos ansiosa, apesar de saber que são contextos diferentes e que cada um tem o seu grau de exigência, tudo foi diferente. Talvez por a EPE ser a minha prioridade, ou por já ter experiência do 1º ciclo e me sentir mais preparada, pois no fundo já não constituía aquela verdadeira novidade do que seria a experiência da PES.

Deste modo, devo referir que sem dúvida alguma, o tempo dedicado à observação é fulcral, pois permite fazer uma observação sobre as crianças, de forma a poder conhecê-las melhor e também todo aquele ambiente que é completamente novo e desconhecido. Mas mesmo assim, quando se aproxima o primeiro dia de regência, há um sentimento enorme de receio, associado ao medo de errar, o que agora me permite perceber que de facto é normal e que de certa forma consegui ultrapassar com coragem e empenho.

Apoiada na ideia de (Hurbeman, 1989), *“é na fase inicial da carreira, devido fundamentalmente, ao choque com a realidade que os professores enfrentam os seus piores momentos.* (cit in Picado 2005:81),

No meu caso, não se trata do início de carreira mas sim o início de prática do que um dia será carreira.

Picado refere que *“na formação de professores, trata-se de uma formação dupla que inclui uma componente académica e científica e uma componente profissional e pedagógica”*. (Picado, 2005:85). Isto é de facto, a nossa experiência em que já passamos pela parte científica e agora encontramos-nos neste patamar tão importante que é a componente pedagógica.

Deste modo, a experiência que tive ao longo deste ano letivo, faz-me sentir e perceber ainda melhor, que ser professor ou educador é percorrer um longo caminho, árduo e longo, cuja meta parece infinita. Tendo por isso, que ter coragem para conseguir chegar ao fim, seja ele onde for. Nunca pensar em desistir, nem dizer que não se é capaz. Pelo contrário, fazer sempre mais e melhor. Alcançando assim, uma formação contínua e constante para podermos *“inovar todos os dias”*. Pois a autoformação constante conduz-nos à inovação, e ao inovarmos iremos contribuir para a melhoria das escolas por onde formos passando, pois estas precisam de professores inovadores e que estejam em permanente formação.

É de facto, infeliz pensarmos que há professores e educadores que se limitam a viver como a grande maioria, sem vontade de aprenderem mais e mais, aumentando os seus conhecimentos.

Os professores e os educadores devem trabalhar em conjunto, funcionar como uma equipa, em que assim se proporcionarão momentos de partilha de saberes e aprendizagem coletiva, pois aprendemos uns com os outros. De certa forma, isto foi o que sempre tentei fazer durante esta evidência pedagógica, trabalhar com a minha parceira de estágio como um verdadeiro par pedagógico, em que todo o trabalho desenvolvido foi partilhado entre as duas.

No que refere à intervenção com os alunos e todo o processo de ensino/aprendizagem, preocupei-me sempre com as tarefas propostas aos alunos, para que estas fossem diversificadas, contributivas e cativantes para os alunos, tendo sempre em consideração as OCEPE, o Currículo Nacional e também as metas de aprendizagem. Lembrando-me sempre da importância que tem a interdisciplinaridade, pois as áreas curriculares devem ser, sempre que possível, relacionadas umas com as outras, pois o ensino é global e tudo está relacionado entre si.

De acordo com Jean Piaget, *“O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas”*.

Sabendo ainda, que é indispensável que as intervenções dos professores sejam intencionalmente organizadas, colocando também no centro das aprendizagens os alunos mais desfavorecidos a nível de capacidade de aprendizagem e desenvolvimento curricular. Estes são aspetos, que na minha opinião, nós enquanto professores ou educadores estagiários devemos ter em conta nas práticas que observamos, nas intervenções que realizamos e futuramente no nosso desenvolvimento profissional.

Importa salientar que a prática pedagógica é uma oportunidade fundamental, na medida em que contribui eficazmente no processo de formação profissional e também pessoal. É um momento em que nos é possível constatar as aprendizagens adquiridas, no contexto académico e científico quando cruzadas com a realidade profissional/pedagógica. A Prática de Ensino Supervisionada é sem dúvida uma previsão do futuro, através da qual podemos antever o nosso futuro próximo.

A realização deste estágio global foi realmente essencial para a minha formação, tanto a nível profissional como pessoal, funcionando assim como uma “janela” que se abre e permite ver o meu desejado e futuro modo de viver. Foi gratificante conviver com as cooperantes que nos receberam de braços abertos e cheias de vontade de ensinar e ao mesmo tempo aprender, pois muitas vezes elas diziam: “você vem-nos ensinar, nós já estamos velhotas e você é que sabe essas novidades todas...”, no fundo concordo com elas, mas a partilha delas e o simples facto de se dedicarem a nós e nos ajudarem a colmatar algumas falhas, para assim podermos melhorar a nossa prática, é sem dúvida um aspeto a agradecer e considerar.

Para além disso, é de valorizar a oportunidade que nos é dada de refletir diariamente junto dos nossos cooperantes, embora tenha acontecido mais no 1º ciclo do que no Pré-escolar, este é um aspecto bastante positivo para nós, na medida em que nos permite uma reflexão e aperfeiçoamento constantes. São estas oportunidades que nos são dadas, que devemos ter sempre em conta, aceitando os comentários dos professores ou educadores como críticas construtivas e não destrutivas. Embora tenha conhecimento de que em alguns contextos se desenrolam situações menos boas, mas devemos aprender a lidar com isso, criando sempre um bom ambiente, tanto na sala de aula como na instituição em geral.

É de realçar que uma das minhas preocupações, sempre foi estabelecer um clima de harmonia com todos, mas acima de tudo com as crianças.

Apesar de algumas dificuldades sentidas e também vividas, tenho a dizer que foi um ano magnífico, cheio de enriquecimento a todos os níveis, que ficará para sempre guardado na minha memória. Aprendi bastante com diversas crianças que todas elas têm um cantinho em minha memória, pois foram elas que acima de tudo contribuíram para esta fase da minha vida. Foram imensos dias de trabalho árduo e infindável, mas sempre compensados pela alegria e vontade que as crianças tinham em aprender e descobrir o que de nova lhes levávamos em cada dia.

Para terminar, considerando a experiência e aquisição de conhecimentos, empenhar-me ei, para nunca desistir e dar tudo por esta profissão, que embora não seja reconhecida como tal, é uma das mais nobres e especiais. É bom ser Educador ou Professor.

Refletindo um pouco mais:

“Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia. Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo toda a vida”.

(Provérbio popular)

“O professor pensa ensinar o que sabe, o que recolheu nos livros e da vida, mas o aluno aprende do professor não necessariamente o que o outro quer ensinar, mas aquilo que quer aprender”.

(Affonso Romano de Sant’Anna)

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, M. (2006). *Transmissão Intergeracional do Figurado de Barcelos- Intervenção no Jardim de Infância* . Braga: Universidade do Minho- Instituto de Estudos da Criança.

(Versão electrónica), disponível em:

http://cedic.iec.uminho.pt/Relatorios_e_Teses/teses/Mestrado_Luisa_Araujo.pdf

BOGDAN, R., & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, LDA.

DUTRA, H. M. (2008). *O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos*. Lisboa: Universidade de Lisboa- Faculdade de Medicina de Lisboa.

(Versão electrónica), disponível em:

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1028/3/17740_ulsd_dep.17475_3-Dissertacao.pdf

FERNANDES, C.O., SOUSA, L.C., (2000). *Turismo Cultural no Alto Minho (um estudo)*. IPVC-ESTG: Centro Cultural do Alto Minho.

FERREIRA, J. M. (1983). *Artesanato, Cultura e Desenvolvimento Regional*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

FONT, M. C., (2007). *Estratégias de ensino e aprendizagem - formação de professores e aplicação na escola*. Lisboa: Edições ASA.

FORMOSINHO, J.O, (org.), (2009). *Podiam chamar-se Lenços de Amor*. Ministério da Educação: Aprender em companhia.

GRAUE, M. E., WALSH, D.J. (2003). *Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética* . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LISBOA A., C. T. (2007). *Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira*.

(Versão electrónica), disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n1/v12n1a06.pdf>

OS Bordados de Viana do Castelo - Embroideries of Viana do Castelo . (2005). Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

PAÇO, A. (1979). *Etnologia - Alto Minho (Distrito de Viana do Castelo)*. Viana do Castelo: Jornalismo do Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo.

PICADO, L., (2005) “*Ansiedade na Profissão Docente*”. Mangualde: edições Pedagogo.

SAMPAIO, D. (2008). *A razão dos avós*.(2ªEdição). Lisboa: Editorial Caminho

SILVA. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação: Departamento de Educação Básica – Núcleo de Educação Pré-Escolar.

SILVA, P. (2006). *Dissertação: "Bordados Tradicionais Portugueses"*. Braga: Universidade do Minho.

(Versão electrónica), disponível em:

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6723/1/TESE_PAULO.pdf

SOUSA, M. J., BAPTISTA, C.S., (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios- segundo Bolonha*. Lisboa: PACTOR- Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.

SITOGRAFIA

<http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-viana-do-castelo-15479> - consultado em 23 de Fevereiro de 2012

http://www.projetospedagogicosdinamicos.kit.net/index_arquivos/Page756.htm - consultado em 21 de Março de 2012

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/> - consultado a 15 de Novembro

<http://www.rcaap.pt/> - consultado entre os meses de dezembro a Fevereiro


LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Decreto-Lei n.º 5/97, 10 de Fevereiro,

<http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>, (consultada em 13-01-2012)

ANEXOS

ANEXO I
Plano Anual de Atividades (Plano de Pormenor)

 S. R. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO	DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO PINTOR JOSÉ DE BRITO Ano Lectivo 2011/ 2012	Aprovado em Conselho Pedagógico em ____ / ____ / ____
Departamentos do Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico		

PLANO DE PORMENOR

Iniciativa	“GENTE PEQUENA... QUE VALE A PENA!”	Data	AO LONGO DO ANO LETIVO
-------------------	--	-------------	-------------------------------

Responsáveis		Público-alvo
EB1/JI	Docentes	
Cardielos	Todos os Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo do Agrupamento.	Comunidade Educativa
Nogueira		
Outeiro		
CE Perre		
Portuzelo		
CE Sta Marta		
Serreleis		

Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Promover o sucesso educativo e escolar das crianças e jovens que frequentam os estabelecimentos de ensino do agrupamento. ✓ Promover a participação cidadã das crianças e jovens que consubstanciam o APJB. ✓ Aprofundar as relações Escola-Comunidade.
-------------------------	---

Objectivos específicos	Atividades	Outros projetos envolvidos
Nota: As atividades abaixo descritas são de referência. Cada EB1/JI adequá-las-á ao seu contexto específico.		
<ul style="list-style-type: none"> • Contribuir para a melhoria dos resultados educativos e escolares das crianças e jovens que integram o Agrupamento. • Promover aprendizagens significativas pela diversificação de estratégias e de contextos de aprendizagem. • Criar condições para o desenvolvimento de uma cultura de cidadania responsável, nomeadamente ao nível da higiene, segurança, saúde e educação sexual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento dos vários tipos de artesanato local. • Estudo de formas de promoção de um produto artesanal local. 	<ul style="list-style-type: none"> • BE/PNL • PM • PNS • ACT • PCJCH

<ul style="list-style-type: none"> • Motivar os alunos tendo em conta as dimensões cognitiva, emocional e afetiva. • Robustecer a comunicação interpessoal dos vários atores que consubstanciam a Comunidade Educativa. • Diversificar estratégias de promoção da participação cidadã das famílias e de outros actores da comunidade na vida dos vários Estabelecimentos de Educação e Ensino do Agrupamento. • Contribuir para a melhoria do espaço da BE, de modo a que cumpra com o seu papel informacional, transformativo e formativo. • Refletir sobre regras de segurança no trabalho de confecção de produtos artesanais. 		
--	--	--

Recursos	Institucionais	<ul style="list-style-type: none"> • Escolas E.B.1 / J.I. e Sede do Agrupamento; • Biblioteca Escolar; • Associações de Pais e Encarregados de Educação; • Juntas de Freguesia; • Câmara Municipal.
	Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoal docente; • Professores das AEC; • Pessoal não docente; • Alunos; • Famílias.
	Materiais	<ul style="list-style-type: none"> • Material de desgaste; • Computador; • Bibliografia diversa.

Avaliação dos alunos e da iniciativa	<p>A avaliação será feita através de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Nível de participação/empenho; • Adesão da comunidade educativa; • Registos fotográficos; • Relatório no final do ano lectivo.
---	---

Orçamento	Sem custos adicionais para o Agrupamento
------------------	--

Referências bibliográficas	Sítios na Internet ...
-----------------------------------	------------------------

ANEXOII
Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação

Pedido de autorização aos encarregados de Educação

EB1/JI de Cardielos

Jardim de Infância de Cardielos

Pedido de autorização

Exmo. Sr.(a) Encarregado(a) de Educação

No âmbito do curso Mestrado em Educação Pré- Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, eu, Liliana Cristina Dias da Silva, estagiária da Educadora Maria Clara Barros Magalhães, pretendo desenvolver um projecto com as crianças no âmbito do conhecimento do mundo, neste caso específico, "Tradições - Os bordados de Cardielos" e é necessário recorrer à filmagem/fotografia das actividades a implementar na sala.

Por tal facto, venho solicitar a sua autorização para poder filmar/fotografar o seu educando(a) durante as aulas/actividades do referido projecto.

Esta investigação já teve a anuência da Educadora Maria Clara Barros Magalhães, mas para obter as imagens é necessário o seu consentimento.

Assumo total responsabilidade pelo processo, assegurando a confidencialidade da informação e o anonimato dos participantes.

Atenciosamente,

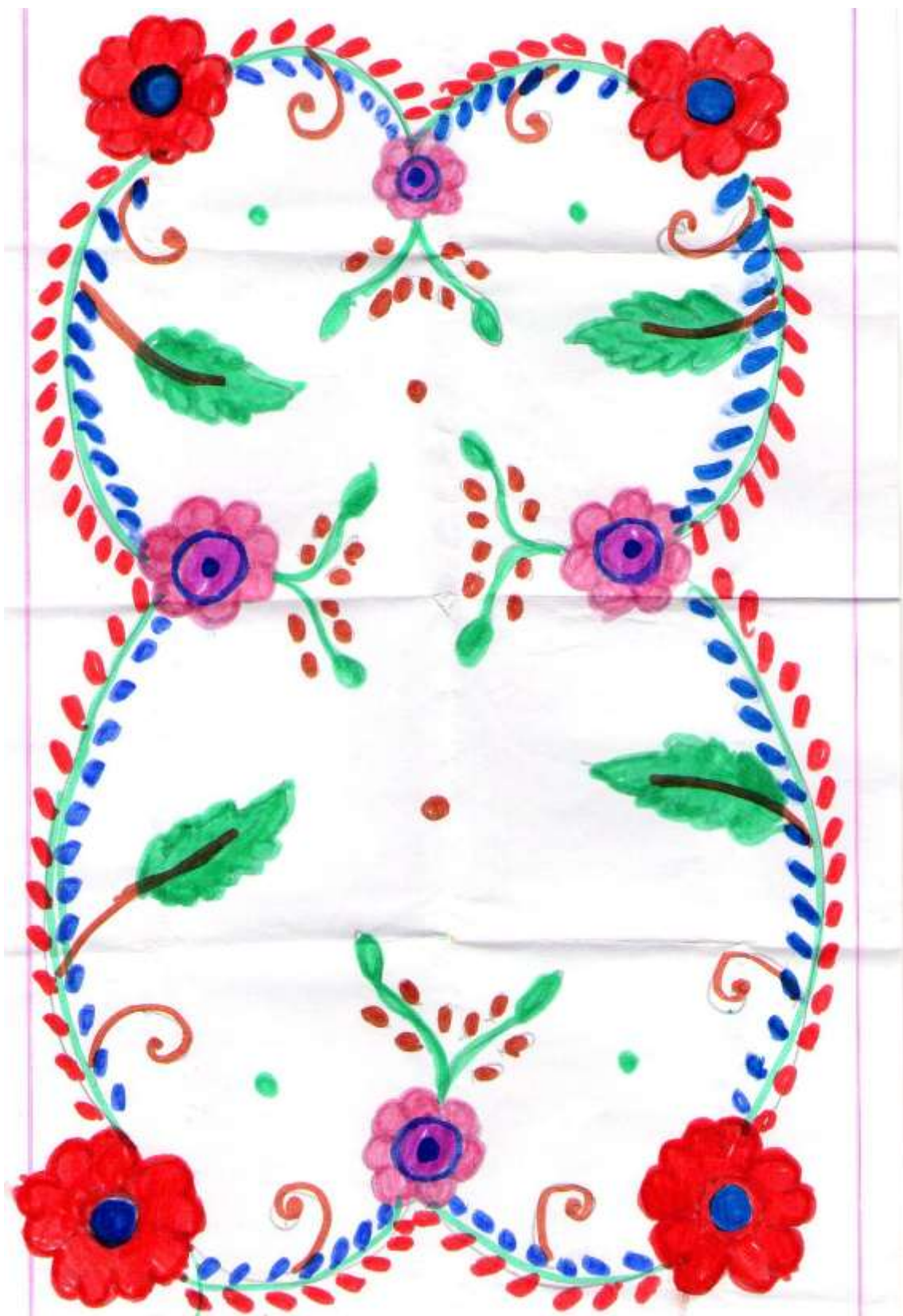


Liliana Cristina Dias da Silva

Eu, _____, Encarregado(a) de Educação
do aluno(a) _____, autorizo/não autorizo
(riscar o que não interessa) a fotografar/filmar o meu educando(a) para o fim acima descrito.

Viana do Castelo, ____ de Novembro de 2011

ANEXOIII
Desenhos livres elaborados por algumas crianças





ANEXO IV
Questionário aos Encarregados de Educação

QUESTIONÁRIO



Este questionário tem como objectivo analisar a transmissão intergeracional dos bordados de Cardielos. É de extrema importância a vossa colaboração, a qual agradeço desde já, para poder realizar este estudo junto com os vossos educandos.

Nome da Criança: _____.

Idade: _____ anos.

A avó materna sabe bordar? Sim ☐ Não ☐

(No caso de responder sim.) Como aprendeu? _____

Com que idade? _____

O avô materno sabe bordar? Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Como aprendeu? _____ Com que idade? _____

A avó paterna sabe bordar? Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Como aprendeu? _____ Com que idade? _____

O avô paterno sabe bordar? Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Como aprendeu? _____ Com que idade? _____

A mãe sabe bordar? Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Como aprendeu? _____ Com que idade? _____

O pai sabe bordar? Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Como aprendeu? _____ Com que idade? _____

QUESTIONÁRIO



(No caso de ter irmã/s ou irmão/s.)

O irmão sabe bordar?

Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Como aprendeu? _____ Com que idade? _____

A irmã sabe bordar?

Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Como aprendeu? _____ Com que idade? _____

Conheces mais alguma pessoa da tua família que sabe bordar? Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Quem? _____

Dos elementos da família acima referidos, existe algum que já transmitiu a arte de bordar para as gerações mais novas?

Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) A quem?

Filha/o ☐ Neta/o ☐ Sobrinha/a ☐ outra/o ☐ Quem? _____

O seu educando sabe bordar?

Sim ☐ Não ☐

(No caso de a resposta ser sim.) Com quem aprendeu? _____ *Com que idade*

(No caso de a resposta ser não.) Gostava que aprendesse? _____



Obrigada pela colaboração,

Liliana Cristina Dias da Silva

ANEXOV

Documento informativo para os Encarregados de Educação

Exmo. Sr. Ou Sra. Encarregado(a) de Educação

Venho por este meio comunicar, que tal como já deve ser do vosso conhecimento, estou a desenvolver um projeto de investigação com os vossos educandos, sobre a transmissão intergeracional dos bordados de Cardielos. A vossa ajuda tem sido fundamental, desde já aproveito para agradecer imenso, a vossa dedicação.

Desta forma, o projeto em questão propõe, como uma das atividades, uma interação entre o jardim de infância e a família como forma de transmitir conhecimentos entre gerações. É importante que as crianças nestas idades se sintam atraídas pela importância do seu meio envolvente. E, tendo Cardielos, uma tradição tão bela como os bordados, considero de todo importante que as gerações mais novas tenham conhecimento sobre tal, sendo assim envolvidas desde já, na conservação das tradições de um povo.

Por isso, venho apelar a sua ajuda nesta atividade, desenvolvendo assim, o conhecimento sobre os bordados, no seu educando.

Para isso, disponibilizo o pedaço de tecido que se faz acompanhar deste documento, para que com ajuda de um adulto, o seu educando possa realizar um bordado muito simples, (exemplo: uma flor, um coração, um nome...)

Peço ainda que façam os possíveis para entregarem o trabalho na primeira semana de aulas de Janeiro.

Estou disponível para qualquer esclarecimento adicional, respondendo a questões e dúvidas que possam surgir relativamente a esta situação.

Grata pela atenção,

ANEXOVI
Folha de registo sobre a atividade



Registo sobre o Bordado realizado com a Família

Motivo (desenho) do bordado: _____

Quem apoiou na realização do bordado: _____

Gostaram de realizar a atividade? _____

Considera importante realizar este tipo de trabalhos com as crianças destas idades? _____ Porquê? _____

Opinião da criança: (pinta a palavra que corresponde à tua opinião)



ADOREI



GOSTEI MAIS OU
MENOS



NÃO GOSTEI

Nome _____

Data: ____/____/____

ANEXOVII
Material realizado ao longo da PES II em formato digital
